

L

J. A. PIRES DE LIMA
DIRECTOR DO INSTITUTO DE ANATOMIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

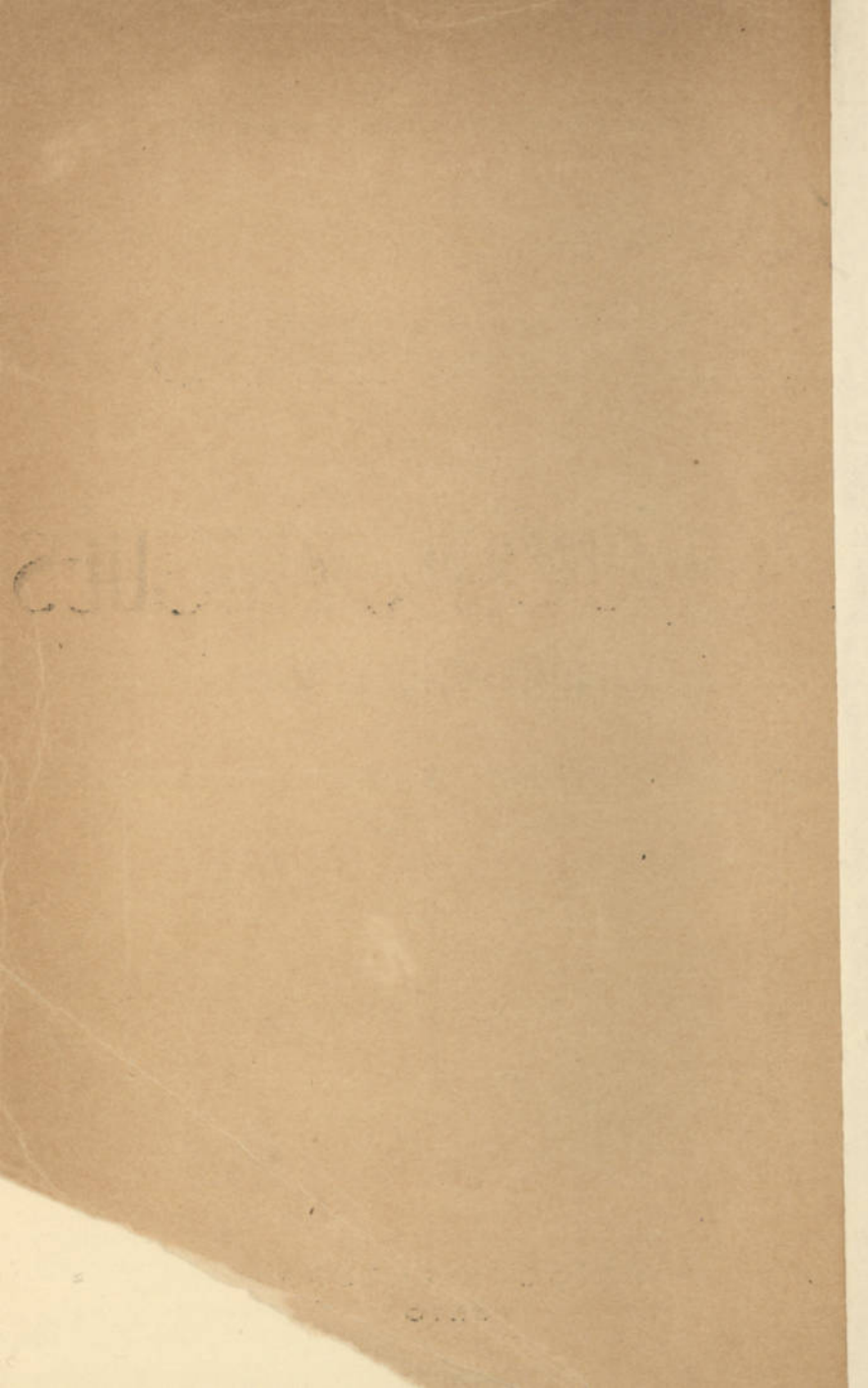
L. 37505 P.

O CORPO HUMANO
NO
ADAGIÁRIO PORTUGUÊS



Se queres conhecer o teu corpo . . .

EDIÇÕES ALTURA
PORTO



16.
37505-11

O CORPO HUMANO
NO
ADAGIÁRIO PORTUGUÊS

O CORPO HUMANO
NO
ADAGIÁRIO PORTUGUÊS

TIP. DA ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA, L.^ª
Rua Cândido dos Reis, 47-49. Tel. 547

PORTO

J. A. PIRES DE LIMA

Director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto

L. 37505 P.

DEP. LEG.

O CORPO HUMANO

NO

ADAGIÁRIO PORTUGUÊS



EDIÇÕES ALTURA

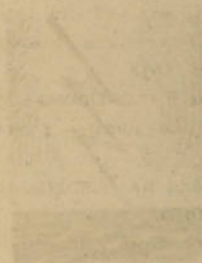


R. 168920

O CORPO HUMANO
NO
ADAGIÁRIO PORTUGUÊS



050831



Direitos exclusivos de EDIÇÕES ALTURA

PORTO

DO MESMO AUTOR:

- AS ANOMALIAS DOS MEMBROS NOS PORTUGUESES — Um vol. de 180 páginas com 85 fig. — Porto, 1927.
- FORA DA AULA (Artigos de vulgarização científica) — Um vol. de 334 pág. — Porto, 1929.
- VÍCIOS DE CONFORMAÇÃO DO SISTEMA URO-GENITAL — I vol. de 212 pág., com 115 fig. — Porto, 1930.
- D. AFONSO VI (A sua doença e a anulação do seu casamento) — Um vol. de 74 pág., profusamente ilustrado (de colaboração com António Augusto Pires de Lima) — Porto, 1937.
- ARES DO CAMPO (Impressões do Minho) — I vol. de 149 pág. — Barcelos, 1937.
- MEMÓRIAS — I vol. de 136 pág. — Porto, 1938.
- OS POVOS DO IMPÉRIO PORTUGUÊS (Estudos antropológicos) — I vol. de 208 pág. — Porto, 1938.
- TRADIÇÕES POPULARES DE ENTRE-DOURO-E-MINHO (de colaboração com Fernando C. Pires de Lima) — I vol. de 236 pág. — Barcelos, 1938.
- MOUROS, JUDEUS E NEGROS NA HISTÓRIA DE PORTUGAL — I vol. de 184 pág. — Porto, 1940.
- PALAVRAS DE UM MÉDICO (Noções de medicina preventiva) — I vol. de 176 pág. — Cova da Iria, 1940.
- QUESTÕES DE LINGUAGEM CIENTÍFICA — I volume de 238 páginas — Porto, 1942.
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ROMANCEIRO MINHOTO (De colaboração com Fernando C. Pires de Lima) — I vol. de 108 pág. com quatro composições de Cláudio Carneyro — Porto, 1943.
- EPÍTOME DE HISTÓRIA DA MEDICINA PORTUGUESA — I vol. de 131 pág. — Porto, 1943.

PALAVRAS DE UM MÉDICO (2.^a série) — Cova da Iria, 1945.
O CORPO HUMANO (Rudimentos de Anatomia) — I vol. de 140 pág. com
36 fig. — Porto, 1945.

A SAIR:

AO CORRER DO TEMPO (Livro de memórias).

EM PREPARAÇÃO:

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA TRADIÇÃO E NA LENDA (De cola-
boração com Fernando C. Pires de Lima).

Aos ilustres dirigentes
do
INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

Professor Doutor Gustavo Cordeiro Ramos
Professor Doutor Amândio Joaquim Távares

Homenagem gratíssima do autor

J. A. Pires de Lima

PREFÁCIO

Há longos anos que me dedico à colheita de termos de anatomia humana, quer no povo, quer nos clássicos portugueses.

O meu primeiro "Vocabulário Anatómico Popular" foi publicado em 1919. Depois fui-o ampliando, reeditando-o em 1938 e em 1942. Estudei a história da nomenclatura anatómica portuguesa, fundada por Santucci, fazendo, sobre o assunto, uma conferência no Instituto de Cultura Italiana (1940). Dediquei-me depois à colheita de vocábulos anatómicos em diversos clássicos: Gil Vicente — Estudos Portugueses, Porto 1938; Fernão Lopes — Academia das Ciências de Lisboa, 1938; D. Duarte I — Faculdade de Medicina do Porto, 1943. Por incumbência da Sociedade Anatómica Portuguesa, organizei um vocabulário teratológico, que foi apresentado à sua VII reunião — Lis-

boa, 1941. Tal é o esboço do meu esforço no campo da terminologia científica portuguesa (*).

Há quem tenha estranhado a minha tenacidade na colheita de termos anatómicos na tradição popular e nos clássicos. Nem o povo nem aqueles escritores sabem nada de anatomia. Por isso, não vale a pena estar com o trabalho...

Eu bem sei que o povo não é obrigado a saber o Testut de cór e salteado, como qualquer pobre aluno do I ano de medicina. Bem sei que os nossos clássicos da Renascença não poderiam conhecer a linguagem de Vesálio, que levou séculos a aclimatar em Portugal.

(*) Cf. SILVA LEAL — *A linguagem médica e o Acordo ortográfico*, — «Acção Médica», X, 38 — 1945.

Mas, velho professor de Anatomia, confesso que me parece curioso investigar como nasceu a linguagem anatómica em Portugal.

Desculpem o meu inocente passatempo...

O povo não sabe o Testut, mas não há quem não saiba onde tem a cabeça, e poucos ignoram qual é a sua mão direita.

Por isso, não estranhem que eu continue a tarefa em que me lancei há mais de um quarto de século. Desta vez, apeteceu-me colher os termos anatómicos no riquíssimo adagiário português.

Não se faz ideia da vastidão do assunto. É tal a riqueza bibliográfica relativa aos adágios e provérbios, que tive que limitar a minha pesquisa a três colecções: António Delicado, Pedro Chaves e Rebelo Espanha, manejando algumas dezenas de milhares

de provérbios. Mas, para que não fique um estudo isolado de etnografia portuguesa, confrontarei os nossos adágios de feição biológica com a colecção de provérbios brasileiros de Lamenza e com o recente e abundantíssimo Refranero medico de Castillo de Lucas.

O confronto dos nossos adágios de feição anatómica com os de Castillo de Lucas não pode ser constante; pois que, enquanto o nosso povo hesita, muitas vezes, quando tem de referir-se aos órgãos perineais e suas funções, o célebre etnógrafo-médico espanhol não tem semelhantes preocupações de pudor...

“Durillo es ponerlo en letras de molde, pero”...

Esboçemos agora o plano da minha modesta obra.

Dividi-la-ei em 15 capítulos, nos quais versarei sucessivamente os temas seguintes:

- I — *Biologia Geral, Hereditariedade.*
- II — *Antropologia Física e Antropologia Criminal.*
- III — *Generalidades sobre Anatomia.*
- IV — *Crânio.*
- V — *Face.*
- VI — *Aparelhos Sensoriais.*
- VII — *Pescoço.*
- VIII — *Face Posterior do Tronco.*
- IX — *Peito.*
- X — *Membro superior.*
- XI — *Ventre.*
- XII — *Regiões Glúteas e Períneo.*
- XIII — *Membro Inferior.*
- XIV — *Anatomia Comparativa.*
- XV — *Teratologia.*

I

Biologia Geral—Hereditariedade

Encontrei ontem uma rapariga do campo em actividade febril. Andava descalça, pelos caminhos, a distribuir pão pelas casas. Perguntando-lhe se era padeira, a camponesa respondeu-me que era tudo o que fosse preciso para ganhar dinheiro. O pai morrera-lhe há pouco, deixando grande fortuna. A sua irmã mais velha já é riquíssima: tem mais de quinhentos contos. E ela quer enriquecer também. Sempre se ouviu dizer: “Quem quiser um cão de caça, procure-lhe a raça...”

A noção de hereditariedade é comum no povo e vem de tempos antigos, pois já o nosso historiador máximo Fernão Lopes mostrara que, já na idade média, havia as noções de hereditariedade e de meio. Mas fixemo-nos no tema do nosso trabalho. No século XVII, António Delicado (1) define hereditariedade nestes adágios lapidares:

— De boa cepa prantar a vinha, e de boa mãe a filha.

— De mau ninho não crieis o passarinho.

— De mau corvo, mau ovo.

— De casta lhe vem ao galgo ter o rabo longo.

— De má mata, nunca boa caça.

— Se queres ter bom moço, antes que nasça o busca.

Notavelmente expressivo é este adágio. Contudo, nem sempre sai certa a herança. António Delicado conhecia também a degenerescência, conforme exprimiu no ditado:

— De pai santo, filho diabo.

Pode suceder o contrário:

— O filho do mau, quando sai bom, é rezoado.

Mas a regra é a reprodução das qualidades dos genitores:

— Qual o pai, tal o filho; qual o filho, tal o pai.

— Tais somos nós, tais sereis vós.

— Não erra quem aos seus se semelha.

— Sai a acha ao madeiro.

Ouvi há tempos a seguinte variante:

— “A acha sai à racha

E Maria a sua tia . . .”

Mas continuemos a explorar a vasta colecção de António Delicado:

— De tal gente, tal semente.

— Saltou a cabra na vinha, também saltará a sua filha.

— Dai-me mãe acautelada, dar-vos-ei filha guardada.

— Qual é Maria, tal filha cria.

— Tal é o demo, como sua mãe.

Passemos ao rifoneiro de Pedro Chaves (2):
Além dos adágios registados por António Delicado, lêem-se mais os seguintes nesta colecção:

— Cabra que sai à vinha, tal é a mãe, tal é a filha (variante de Delicado).

— Cada um é filho de seu pai.

— O bom fruto vem da boa semente.

— Como canta o galo velho, assim cantará o novo.

— Das águias não nascem pombas.

— De boa semente, bom fruto.

— De bom madeiro, boa acha.

— De pai mau, filho *bô*, lá virá neto que sáia
ao avô.

— De rio pequeno, não esperes grande peixe.

Para mostrar que, nem sempre, se mantém a pureza da raça, temos o ditado:

— De longa geração,
há conde e há ladrão.

Continuando no tema da hereditariedade:

— Filho de gato mata rato.

— Filho de peixe sabe nadar.

— A mulher e o cão procurai-os pela raça.

— Não há geração sem rameira ou ladrão.

— Nunca de má árvore bom fruto.

— Nunca de ruim gaiteiro bom sanfoneiro.

— Quem quer que é a seu pai parece.

- Quem sai aos seus não degenera.
- Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.
- O tonel não pode dar senão do vinho que tem.
- O vício da natureza até à sepultura chega.

Pesquisemos agora no dicionário de Rebelo Espanha (3) adágios não registados nos anteriores:

— De amigo sem sangue, guarda-te não te engane.

— O sangue se herda e o vício se pega.

— Ainda que mude a pele a raposa, seu natural nunca despoja.

— Cardo que há-de picar nasce logo com espinhos.

— O filho do asno uma hora do dia orneja.

— O lobo perde os dentes, não o costume de morder.

— O que o berço dá, a tumba o leva.

— Os netos pagam as culpas dos avós.

— Vão-se os dias maus e vão-se os bons; ficam os maus netos de ruins avós.

— Bom sangue não mente.

— Em sabendo de quem vem, sei o bem ou o mal que tem.

— Não pode o olmeiro dar peras.

— Não sai farinha branca dum saco de carvão.

— De ruim bago nunca boa pevide.

— O pau se conhece pela casca.

— As dívidas de nossos avós, fizeram-nas estes e pagamo-las nós.

- A voz do sangue nunca se desmente.
- Cão bom nunca ladra em falso.
- Toma a cabra a silva e a porca a pocilga.
- A cabra puxa sempre para o monte.
- Bom aço não quebra.
- Canta cada pássaro conforme o bico que tem.
- De mau pano, nunca bom saio.
- Não há cunha melhor do que a do próprio pau.
- Nunca de bom mouro bom cristão.
- Quem nasceu para ser burro de carga, nunca chega a ser ginete.
- Árvore ruim não dá boa sombra.

Para terminar a resenha nacional sobre a hereditariedade, mencionarei a seguinte cantiga colhida na Beira por J. Lopes Dias. (4)

«Cantas bem, não cantas mal,
 Já tua mãe assim era.
 Já tenho ouvido dizer:
 Sai aos seus, não degenera.

Para o Brasil emigraram daqui, sem alteração de forma, quatro dezenas de adágios, relativos à biologia geral. Citamos apenas os que têm forma diferente, na colecção de Mário Lamenza (5):

— Carneiro, filho de ovelha, não erra, que o seu semelha.

- De boa casa, boa brasa.
- De bom vinho, bom vinagre.
- De cobra não nasce passarinho.
- De rabo de porco, nunca bom virote.
- Nem rio sem vau, nem geração sem mau.

Tradução popular brasileira do aforismo de Biologia "A função faz o órgão":

— Quanto mais a vaca se ordenha, maior tem a teta.

Parece que veio de Espanha esse aforismo, pois assim o encontro em Castillo de Lucas (8):

— Quanto más la vaca se ordeña mayor tiene la teta.

Delicado (1), contudo, já o cita no século XVII.

Para terminar este capítulo, vou agora confrontar os adágios portugueses relativos à hereditariedade com os do opulento Refranero médico de Castillo de Lucas (8).

Podia desenvolver mais o confronto entre os adágios portugueses e os espanhóis, compulsando o *Refranero Español* do catedrático salmantino do Século XVI Hernán Nuñez, o famoso Pinciano (6), ou a colecção de oito mil adágios espanhóis reunidos por José Bergua (7).

Mas parece-me suficiente examinar os tres milhares de rifões médicos do Dr. António Castillo de Lucas (8).

No seguinte rifão mostra-se a hereditariedade da loucura:

— A quien nueve meses estuvo en la barriga de una loca, algo le toca.

E este é deveras expressivo:

— De harina mala, mal pan se amasa.

E, no terceiro, temos a tradução exacta dum provérbio português atrás citado:

— De casta viene al galgo, el ser rabilargo.

E a propósito, cita Castillo de Lucas outros com o mesmo significado:

— De tal palo, tal astilla.

— Bendita sea la rama que al tronco sale.

— El que a suyos parece, honra merece.

E ainda outros:

— De mala sangre (ou de malas tripas), malas morcillas.

— De padres sanos, hijos honrados.

— De parienta con pariente, hijos raquíticos o imbéciles.

Este último condena os casamentos consanguíneos e o que vai a seguir é a perfeita versão dum provérbio português atrás citado:

— De tal gente, tal simiente.

Igualmente, ao provérbio português:

— Os pais comem os figos e aos filhos rebentam os beiços — corresponde o espanhol:

— El padre comió la mala fruta, y al hijo le salen las pupas.

Continuemos a registrar os adágios espanhóis sobre o mesmo assunto:

— La sangre se hereda y el vicio se pega.

— La sangre se hereda y la virtude se aquista.

— Más se heredan las enfermedades que los caudales.

Eis o que nos diz a sabedoria popular luso-espano-brasileira àcerca da hereditariedade. Vê-se que os ditados são comuns aos dois povos peninsulares e que do nosso país derivaram para o Brasil.

A sua origem deve ir buscar-se, em grande parte, à Bíblia e ao Alcorão, livros sagrados que andavam nas mãos e no coração dos cristãos, dos judeus e dos mouros, que, desde há dois mil anos, habitam a Península Ibérica. Depois, popularizaram-se também muitas frases conceituosas das literaturas riquíssimas de Roma, de Portugal e da Espanha. De Cícero e de Marco Aurélio, de Gil Vicente e de Cervantes, quantos pensamentos não passaram à sabedoria popular?

II

Antropología Física
Antropología Criminal

O povo impressiona-se muito com a evolução normal ou anormal da morfologia do corpo em relação com a sexualidade, as manifestações da puberdade, etc. Com que graça a rapariga do Minho canta:

«Minha mãe, case-me cedo,
Enquanto sou rapariga :
O milho sachado tarde
Não dá palha nem espiga...»

«Minha mãe, case-me cedo,
A causa bem a sabeis :
O dado são quinze anos,
Eu já tenho dezasseis...»

A cada passo, o povo anota questões relativas à inter-sexualidade e, não raro, faz troça dos impotentes:

«Mulher com fala de homem,
Homem de fala *amulherada*,
Muita festa para a festa...
... E mais nada!

Tambem regista amiude anomalias aparentes e defeitos físicos, relacionando-os com a criminologia:

«Deus que o assinalou,
Algum defeito lhe encontrou...»

Eis o tema deste capítulo.

Comecemos por António Delicado (1):

— O desejo faz formoso o feio.

— Quem o feio ama, bonito lhe parece.

— Falso por natura, cabelo negro e barba ruiva.

— Homem astroso, barba até ao ôlho.

— Homem que fala como mulher, livre nos Deus dele.

— Homem veloso, ou valente ou luxurioso.

— Olhos verdes em poucos os veredes.

— Quem sinal tem sobre os dentes, é honra de seus parentes.

— Se o grande fosse valente, o pequeno paciente e o ruivo leal, todo o mundo seria igual.

— De sangue misturado e de moço refalsado nos livre Deus.

— O pelo muda a raposa, mas o natural não despoja.

— Jurado têm as águas de as Negras não fazem alvas.

— Grande pé e grande orelha é sinal de grande besta.

— De ruim rosto nunca bom feito.

— O que no leite se mama, na mortalha se derrama.

Passemos agora à colecção de Pedro Chaves (2):

— Dá-me gordura, dar-te-ei formosura.

— De amigo sem sangue, guarda-te não te engane.

— É meio dote uma cara bonita.

— Em pequeno corpo, coração grande.

— Falso por ventura: cabelo negro, barba ruiva.

— Formosa é de rosto a que é boa de seu corpo.

— A gente vê caras, não vê corações.

— Homem assinalado, ou mui bom ou mui bravo.

— Homem de barba ruiva uma faz e uma cuida.

— Homem de mar, cabeça no ar.

— Homem narigudo, poucas vezes cornudo.

— Homem pequeno, coração ao pé da boca.

— Homem que não tem barba, não tem vergonha.

— Homem velhaco, tres barbas ou quatro.

— Homem velho, mulher nova, ou corno ou cova.

— Os homens não se medem aos palmos.

— Linda cara meio dote.

— Mãe, casai-me logo, que se enruga o rosto!

— Melhor é rosto vermelho, que coração negro.

— Não fies nem um tostão de quem põe os olhos no chão.

— Nariz não é feição.

— Nem a homem calado, nem a mulher barbada, dêz pousada.

— Olho azul em Português, é erro da natureza.

— Olhos verdes em poucos os vedes.

— Pouca barba, pouca vergonha.

— Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

— Risinho pronto, miolo chocho.

— Passemos agora à colecção de Rebelo Espanha (3).

— Barriga cheia, cara alegre.

— Riso pronto, miolo tonto.

— Cada um vê mal ou bem conforme os olhos que tem.

— Cara de mel, coração de fel.

— Homem grande, perna de pau.

— Homem pequenino, embusteiro ou bailarino.

— Preto que pinta, três vezes trinta (encanece aos 90 anos).

— Quanto mais canhoto, quanto mais maroto.

— Todo o homem põe a mão no chão, de vez em quando.

— Antes minha face de fome amarela, que com vergonha nela.

— Mais honra a alma do que a barba.

— A lisongeiro, fazer mau rosto.

— Moça louçã, cabeça vã.

— Mulher casada não embarba.

— Guardar daqueles a quem Deus assinalou.

— Do de Braga ao pé, *libera nos Domine*.

— Guimarães: perna torta, pai dos cães.

— Ó, de Viseu! larga o rabo, que não é teu!

(Aos judeus, que abundavam em Viseu, atribuía-se a existência de cauda).

— Entre dez homens, nove são mulheres.

(Decadência da virilidade).

— Ruivo de mau pêlo, mete o demo no capêlo.

— Russo de mau pêlo, má casta, má cara e má cabelo.

— Se a barba fosse tudo, podia o bode prègar.

— Todos têm o seu pé de pavão (vaidade).

— Dois narigudos não se beijam.

— Mais alto é um campónio em pé que um fidalgo de joelhos.

— Do sangue misturado, e do moço refalsado nos livre Deus.

— Maus bofes e boa cara serão bons, mas é coisa rara. (Alude à *facies* tuberculosa).

— Marido que fala como mulher, Deus nos livre dele.

— Quem sinal tem sobre os olhos, honra é de seus parentes. (Variante: sobre os dentes).

— Olho azul em raça portuguesa, é velhaco com certeza.

— Olhos verdes, olhos de traidor. (Variante).

— A barba não cresce na cara duma criança.

— O saber não faz crescer a cabeça.

— Mulher peluda ao homem ajuda ; mulher pelada não ajuda nada.

— Bom aço não quebra.

— O que a natureza dá, ninguém o pode negar.

Antes de proceder ao confronto com alguns adágios brasileiros, citarei uma linda quadra da Beira, da colecção de José Lopes Dias (4) :

«Eu hei-de ir ao Alentejo
 Buscar uma Alentejana,
 Pequenina e bem feita,
 Rapariga duma cana.»

Entremos agora no adagiário brasileiro de Mário Lamenza (5) :

— A alegria é uma careta, a felicidade um sorriso.

— A homem ruivo e mulher barbuda de longe os saúda.

— A macaco velho não se ensina a fazer caretas.

— Barba de tres cores, barba de traidores.

— Da galinha, a preta; da pata, a parda; da mulher, a sarda.

— Do amigo sem sangue, guarda-te não te engane.

— Do homem assinalado, sê desconfiado.

— Dois bicudos não se beijam.

— Em pequeno corpo, coração grande.

— Galinha que canta como galo do dono faz cavalo.

— Graça de olhos tarde envelhece.

— Guarda-te daqueles que a natureza assinalou.

— Guarde-vos Deus da ira do Senhor, de alvo-roço do povo, de moça adivinha, de mulher ladina, de pessoa assinalada, de mulher tres vezes casada, de homem porfioso, de lobos em caminho, de longa enfermidade, de físico experimentador, de asno ornejador, de oficial novo e barbeiro velho, de amigo reconciliado e vento que entre pelo buraco, de hora minguada e de gente que não tem nada.

— Homem pequeno, coração ao pé da boca.

— Marido banana e efeminado, depressa aparelha com o veado.

— Negro, quando pinta, três vezes trinta (Embranquece aos 90 anos).

— Olho mau, a quem viu pegou malícia.

— Onde está branco, não fala preto.

— Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

— Se o grande fosse valente, o pequeno paciente e o ruivo leal, todo o mundo seria igual.

Comparemos, por fim, os adágios luso-brasileiros com os espanhóis coligidos por Castillo de Lucas (8).

— Al hombre mal barbado y al fruto temprano dalos al diablo.

— A mujer con barba, de lejos saludarla.

— Bien agestado, bien mirado.

— Cabeza roja, alma engañosa.

— Cuando al mozo le nace el bozo y a la moza le llega a la cintura, ya están en punto de caramelo.

As consequências da puberdade também são denotadas na cantiga popular :

— En llegándome el pelo
a la cintura,

Puede decir mi madre
que no soy suya.

— Cuando el negro encanece, ya tiene más de siete dieces (Ditado menos exagerado que o portugûes).

— De hombre tiple y de mujer tenor, líbranos, Señor!

— Es mucho hombre esta mujer.

— Falso por natura, cabello negro, la barba rubia.

— Guárdate de español rojo y de alemán moreno.

— Hombre cabezudo, poco sesudo.

— Hombre dulzarrón casi sempre falso y bribón.

— Hombre muy grandón poco varón.

— Hombre narigón solapado burlón.

- Hombre velludo, hombre forzado.
- La estatura de los hombres se mide de las cejas para arriba.
- La gallina no debe cantar como el gallo.
- Mujer bella con exceso, mucho sexo y poco seso.
- Mujer velluda, varonil y forzada.
- Ni a pícaro descalzo, ni a hombre callado, ni a mujer barbuda, no les des posada ni les prestes ayuda.
- Ni de español barbirrubio, ni de flamenco barbinegro.
- Ni hombre tiple, ni mujer bajón.
- Que non sea vellosa nin barbuda.
- A mujer bigotuda, de lejos se la saluda.
- Si fueres crespo y bezudo, no te aseguro de ser cornudo.

III

Generalidades

Seguindo o mesmo plano do capítulo anterior, buscarei em adagiários portugueses, brasileiros e espanhóis a noção de diversos elementos do corpo ou figura humana.

Como previ, escassa é a colheita, porque a nomenclatura do povo, relativamente às ciências biológicas, é muito pobre.

Comecemos pelo velho António Delicado (1).

Para ele, o homem é constituído de corpo e de alma.

Sobre esta, encontro dois adágios :

— O que há-de haver na alma, escrito está na palma.

— Inda que somos negros, gente somos e alma temos.

O primeiro alude à franqueza que devemos ter e o segundo refere-se talvez à bondade com que deviam ser tratados os escravos.

São mais numerosos os adágios relativos ao corpo em geral :

— Corpo, corpo, que Deus dará pano.

— Corpo bem feito não há mister capa.

— Doença de tordo, rosto magro corpo gordo.

— Formosa é de rosto a que é boa de seu corpo.

No corpo há a considerar a carne, os ossos, o sangue, a pele, as veias e as juntas. O tecido célulo-adiposo subcutâneo é a gordura ou cebo. Sobre as partes moles do corpo (carne), vejamos os adágios de Delicado:

— Quem come a carne, rói o osso.

— Carne, carne cria.

Sobre os ossos em geral, além do primeiro destes, temos os seguintes:

— Se não dorme meu olho, folga meu osso.

— A outro cão com esse osso.

A respeito do sangue, anotei os seguintes:

— Cão que muito lambe tira sangue.

— Não quero escudela de ouro em que cuspa sangue.

— O bom vinho faz bom sangue.

— A letra com sangue entra.

O povo chama veias ou cordo-veias aos músculos atrofiados. Assim, diz António Delicado:

— Se mal jantas pior ceias, minguem-te as carnes, nascem-te as veias.

A pele é o que resta da consumpção do corpo:

— Consciência de gato de Portalegre, que ficou com o dinheiro e tornou a pele.

Tem o povo a noção da gravidade das artrites, como se vê no ditado :

— Chaga de juntura, não te dê Deus por ventura.

Busquemos agora termos semelhantes no rifoneiro de Pedro Chaves (2).

Corpo e Alma :

— Andar, andar, corpo a enterrar.

— Casa sem fogo, corpo sem alma

— Conselho sem remédio, corpo sem alma.

— Corpo achacoso não é cheiroso.

— Em pequeno corpo, coração grande.

— No bom Beirão, corpo e alma pequenos são.

— Pão com bolor e sardinha assada, descansa corpo, trabalha enxada.

— Rosário ao pescoço, diabo no corpo.

— Se queres conhecer teu corpo, abre um porco.

— Se queres que teu filho engorde e cresça, lava-lhe o corpo e rapa-lhe a cabeça.

— Sua alma, sua palma.

— Tanto pão como um polegar, torna a alma ao seu lugar.

Carne e Ossos :

— Almôço cêdo, cria carne e cebo; e tarde, nem cebo nem carne.

— A chuva não quebra osso.

— Osso que acabas de comer, não o tornes a roer.

— Quem te dá um osso, não te quer ver morto.

— Se não dorme meu olho, folga meu osso.

— Osso de assuã, beijo untado, barriga em vão.

(*Ossos de assuã* são as vértebras do porco, cujos músculos pouco dão que comer).

De ossos em especial, o povo só enuncia as vértebras e as costelas:

— Do tropeção ao cair, não se tira outra coisa senão fatos rotos e costelas quebradas.

Sangue:

— Arrenego de tigelinha de oiro em que hei-de cuspir sangue.

— Bebe vinho branco de manhã, e à tarde o tinto, para teres sangue.

— Já não sou quem soia: tenho o sangue frio.

— Todo o sangue é vermelho.

Pele e Veias:

— A má pele não se muda.

— Quem se lava e não se enxuga, toda a pele se lhe enruga.

— O ruim barbeiro, não deixa couro nem cabelo.

— Sinto mais e é-me mais precisa a pele que a camisa.

Exploremos agora a colectânea de Rebelo Espanha (3), registando apenas adágios diferentes dos anteriores, ou suas variantes :

— Não há carne sem osso, nem fruta sem caroço.

— Corpo é vestido, alma é pessoa.

— Em ruim corpo se esconde bom senhor.

— Há pessoas que têm duas peles.

— O dinheiro tem aniquilado mais almas que o ferro corpos.

— A discrição é para a alma o que o pudor é para o corpo.

— As obras sem esperança são como o corpo sem alma.

— A língua não tem osso, mas quebra ossos.

— Casa sem mulher, corpo sem alma.

— A felicidade do corpo consiste na saúde e a do espírito no saber.

— Camisa que muito se lava e corpo que muito se apura pouco dura.

— Corpo doente dura para sempre.

— Ossos do officio, que não o há sem ossos.

— Porta fechada, pele guardada.

— Feio no corpo, bonito na alma.

— Não se manda andadura senão a quem tem corpo.

— O trabalho nos alegra o corpo e a vida e é o melhor tempêro da comida.

- Homem sem dinheiro, corpo sem alma.
- Bolsa sangrada é o mesmo que corpo morto.
- Se queres criar carne e cebo, levanta-te tarde e deita-te cedo.

— Cabeça sem espírito é um bocado de osso.

— É sempre o corpo que perde a alma.

— Ninguém sai da sua pele.

— Não derrames o sangue de teu irmão.

— O sangue pede sangue.

Da mesma colecção registarei ainda três adágios, em que aparecem as palavras *membro*, no sentido de *orgão*, *nervo*, e *veia*, no sentido de vaso sanguíneo:

— Quando nos dói a cabeça, todos os membros nos doem.

— O dinheiro é o nervo da guerra.

— Entesostrar é estancar as veias do povo.

Na Beira (4), canta-se esta cantiga:

«Chora, desgraçada, chora,
Que o teu dinheiro nada vale:
Os teus ossos vão dormir
Na cama do hospital...»

Citemos agora os provérbios brasileiros de Lamenza (4), mas só aqueles que façam diferença dos portugueses:

— A má pele não se muda.

— A pena segue o crime como a sombra o corpo.
 — A quietação do ânimo é o verdadeiro descanso do corpo.

— A solidão é para o espírito o que a dieta é para o corpo.

— Alma e corpo deu ao demo.

— Chegar a roupa ao couro.

— Estropiar o canastro a alguém.

— Mais honra à alma que à barba.

— O amor é a mais forte das paixões, porque ataca ao mesmo tempo a cabeça, o coração e o corpo.

— O rosto é o espelho da alma.

— Pagarei pelo corpo, como S. Francisco.

Para terminar este capítulo, confrontarei os ditados portuguezes com alguns espanhóis do *Refranero medico* de Castillo de Lucas (8):

— Andaos a eso, y os quedareis en los huesos.

(Refere-se ao emagrecimento por excessos venéreos).

— Carne cria carne; vino sangre; pan, panza, y todo lo demás es chanza.

— Con malas comidas y peores cenas, menguan las carnes y crecen las venas (Tradução literal dum provérbio portuguez).

— Cuando duele la cabeza, todo el cuerpo se queja.

— Cuerpo derecho, mucho mal pasa.

- Cuerpo en la cama, si no duerme, descansa.
- El comer cria buena piel.
- La carne pone carne, y el vino cria buena sangre, y la buena sangre buena alma; y la buena alma vase al cielo.
- La salud del cuerpo se paga en el estómago.
- La sangre es muy escandalosa
(Alarme provocado pelas hemorragias).
- Mejor compostura tiene el hueso que el seso.
- Pan, vino y carne cria buena sangre.
- Quien ve sus venas, ve sus penas.
- Sangre, ni de las muelas.
- Sin pan ni carne, no se sustenta buena sangre.
- Si tendido no duerme el cuerpo, descansa el hueso.

IV

Crânio

Na parte mais elevada do corpo, temos a considerar o crânio, a face e os aparelhos sensoriais.

A parte póstero-superior da cabeça, é, para o adagiário, pròpriamente a cabeça e a parte ántero-inferior é a cara ou rosto.

O crânio ósseo é o casco, ou caco, ou ainda a cachimónia ; encéfalo é o mesmo que miolos ou miolo e o revestimento capilar é o cabelo ou pêlo, que estão implantados no coiro.

Os cabelos, que constituem o topete, ou o trançado, tosquam-se, rapam-se, ou penteiam-se, e podem ficar brancos ou cãs ; podem branquecer, ou cair, deixando a pessoa calva.

A região frontal é a testa ou fronte.

São às centenas os adágios que o povo dedica à cabeça. Depois de seleccionados, distribuí-los-ei pelos capítulos IV, V e VI. Ao presente capítulo, competem os adágios relativos ao crânio, pròpriamente dito, isto é, à parte póstero-superior da cabeça. Eis a lista dos que me parecem mais sugestivos :

— A cãs honradas não há portas fechadas.

— A cabeça com mulher (com comer) se endireita.

— Antes velha com dinheiro do que moça com cabelo.

— Muitas mãos e poucos cabelos asinha se depe-
nam.

— Não quero gabão, se me há-de encher de
cabelos.

— Nem no inverno sem capa, nem no verão sem
cabeça.

— Por um cabelinho se pega o fogo ao linho.

— Não te metas em contenda, não te quebrarão
a cabeça.

— Quem em pedra duas vezes tropeça, não é
muito quebrar a cabeça.

— Mal alheio pesa como um cabelo.

— Quem pedra para cima deita, cai-lhe na cabeça.

— A dor de cabeça minha e as vacas nossas.

— Como te fizeste calvo? Pêlo pelando.

— Depois de escalavrado, untar o casco.

— Qual cabeça, tal siso.

— Quebras-me a cabeça, untas-me o casco.

— Se queres que teu filho cresça, lava-lhe os pés
e rapa-lhe a cabeça.

— Se queres enfermar, lava a cabeça e vai-te
deitar.

— Alguma coisa se há-de sofrer para branquecer.

— Cabelos e cantar não fazem bom enxoval.

— Madrinhas fazei o topete e ullo o cabelo.

- Moça em cabelo não ma louves.
- Moça é Maria quando se tosquia.
- Não sejais forneira se tendes a cabeça de manteiga.
- Depois de rapar não há que tosquiar.
- Isso me dá barbeiro que odreiro; tudo é tosquiar cabelo.
- O ruím barbeiro não deixa coiro nem cabelo.
- Preguiça não lava a cabeça e, se a lava, não a penteia.
- A quem tem cabeça não lhe falta carapuça.
- Cada cabelo faz uma sombra na testa (na terra).
- Põe a cabeça entre mil, o que for dos outros, será de ti.
- Boa é a fazenda, quando não sobe à cabeça.
- Ainda João Vaz tem besta, não deixou de lhe apontar à testa.
- A ambição enche a cabeça e cerra o coração.
- Aos vinte anos cabeça oca, aos trinta riqueza pouca.
- Bom vinho, má cabeça.
- Cabeça louca não há mister touca.
- Cabelos brancos, flores de cemitério.
- Cada cabeça, cada sentença.
- Com pouca cabeça se governa o mundo.
- A coroa não cura a dor de cabeça.

— Cuidado que a língua não te corte a cabeça.
— Depois da festa, coça na testa.
— Ditoso de quem experimenta em cabeça
alheia.

— Ensaboar a cabeça a asno é perder sabão.
— Falso por ventura, cabelo negro, barba ruiva.
— Far-te-ei a barba, far-me-ás o topete.
— Faz trabalhar a cabeça e dá feriado à língua.
— Filhos pequenos, dores de cabeça; filhos grandes,
dores de coração.

— O fogo do coração atira o fumo para a cabeça.
— Homem do mar, cabeça no ar.
— Mal haja quem o calvo penteia.
— Minha horta fechada, minha cabeça guardada.
— Moça louçã, cabeça vã.
— Não hajas medo de quem vai preso pelo pêlo.
— Não te laves com urgebão, que te nascerão os
cabelos até ao chão.

— Não tão calvo que lhe apareçam os miolos.
— Nunca lavei cabeça que me saísse tindhosa.
— Quantas cabeças, tantas sentenças.
— Quem diz que pobreza é vileza, não tem siso
na cabeça.

— Quanto faz com a cabeça, desmancha com
os pés.

— Quem em casa deixa a cabeça, na praça deixa
o turbante.

— Quem faz herdeiro em vida merece que lhe dêem com um masso na cabeça. (Cf. com o ditado mais moderno: — Quem dá antes que morra, merece com uma cachaporra).

— Quem lava a cabeça a moiro, perde tempo e sabão.

— Quem quer festa sua-lhe a testa.

— Risinho pronto, miolo chocho.

— Russo de *má* pêlo, *má* casta, *má* cara e *má* cabelo.

— Tanto faz dar-lhe na cabeça como na cabeça lhe dar.

— Canta a rã, e não tem cabelo nem lã.

— Riso pronto, miolo tonto.

— Por cima de peras, vinho bebas; mas não tanto que andes com a cabeça de esquina em canto.

— Ver com os olhos e comer com a testa é desagradável.

— Se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber; assim amontoarás sobre a sua cabeça brasas de lume.

— Quando nos doi a cabeça, todos os membros nos doem.

— Perder não faz bom cabelo.

— O egoísta tem na cabeça o coração.

— De hoje para amanhã, não me doa a cabeça.

— Não há cabeças mais duras que as cabeças vazias.

— Preto que pinta, três vezes trinta.

— Quando a cabeça não tem juízo, o corpo é que o paga.

— Quem não tem cabeça, não paga nada.

— Quem tem de cera a cabeça, não a deve pôr ao sol.

— A cabeça do ignorante é uma esponja seca.

— Pés quentes, cabeça fria e coração bom e desprezai a medicina.

— A mulher é um animal de cabelo comprido e pensamento curto.

— A mulher de fidalgo, pouco dinheiro e grande trançado.

— Com um cabelo de mulher pode amarrar-se um elefante.

— A cabeça do vadio é hospedaria do diabo.

— É preciso agarrar a ocasião pelos cabelos.

— Guarda-te de tolo, se tens algum miolo.

— A coroa não cura as dores de cabeça.

— Não há capuz, por mais santo, onde o diabo não possa meter a cabeça.

— O mal alheio é um (pesa como um) cabelo.

— Cântaro que muitas vezes vai à fonte, ou deixa as asas ou a frente.

— Por onde tens andado, que tão bom cabelo tens criado?

— Há muitos burros do mesmo pêlo.

— Ruivo de mau pelo mete o demo no capelo.

— ~~Mal~~ haja quem calvo penteia.

— Sarampo, sarampelo, sete vezes vêm ao pêlo.

— Quem confia no acaso não tem caco.

— Cabeça madura, foge de tontura.

— O castigo vem aos pais sobre a cabeça dos filhos.

— O perder não fez bom cabelo.

— Se queres dar volta à cabeça duma mulher, dize-lhe que é formosa.

— Cabeça cheia de cálculos, coração vazio de sentimentos.

— Cabeça sem espírito é um bocado de osso.

— Nem tudo está perdido enquanto não perde a cabeça.

— O saber não faz crescer a cabeça.

— Quando a cabeça não regula, o corpo é que o paga.

— Tem mais força um cabelo de mulher do que uma junta de bois.

— As cãs afugentam o amor.

Juntemos à série portuguesa alguns adágios brasileiros do adagiário de Lamenza:

— Ainda João Vaz tem besta, não deixou de lhe apontar à testa.

— As mais lindas cabeças, raras vezes são das mulheres.

— É ligeiro dos cascos, ou tem fraca cachimónia.

— O povo é um tirano com muitas cabeças.

— Quem não tem cabeça, sempre é mais cabeçudo.

— Servir de testa de ferro.

— Uma boa cabeça vale mais do que cem braços.

— Ver com os olhos, comer com a testa.

Confrontemos agora os adágios portuguezes com alguns da colecção de Castillo de Lucas:

— A gran cabeza gran talento.

— A mucho vino no hay cabeza.

— Arriba canas y abajo ganas.

— Cabello crespo, calvo presto.

— Cabello luengo, poco seso.

— Cabeza fria, piés calientes y culo corriente, dan larga vida a la gente.

— Cabeza grande, talento chico.

— Cabeza que no habla dígola calabaza.

— Cabeza roja, alma enganosa.

— Cabeza sin uso, como es hueca, tiene poco peso.

— Cada uno lleva un loco en el meollo.

— Calvas, canas y dientes son incidentes; arrugas y arrastrar pies vejez es.

— Cuando duele la cabeza, todo el cuerpo se queja.

— Cuando duerme el ojo, descansa el meollo.

— De aquí a cien años, todos calvos.

— Del dolor de cabeza tiene de participar los miembros.

— El buen vino hace mala cabeza.

— El dolor de cabeza es mio y las vacas nuestras.

— El pez empieza a corromperse por la cabeza.

— El que no tiene cabeza tiene que ter pies.

— Hombre cabezudo nunca talentado.

— La mujer huye de las canas como la oveja del lobo.

— Las canas no dan saber.

— Mas cerca esta la frente que el colodrillo.

— No todos los canos son viejos ni sabios.

— Para enfermar, lavarse la cabeza y irse a echar.

— Quebrasteme la cabeza y ahora me untas el casco.

— Quien habla hueco tiene el cerebro seco.

— Se duerme el ojo, descansa el meollo.

— Siega más cabezas la comida que la guerra, y, mas que ambas, la impureza.

v

Face

A parte antero-inferior da cabeça é a face, rosto, figura, ou cara; e, quando é assimétrica ou disforme, é a careta. Nas faces laterais do rosto ficam as queixadas, em cuja pele se implanta a barba, que se pode rapar ou pentear. Nos velhos há a barba cã ou barba branca e quem é barbado ou barbudo pode ter a barba partida.

Há a considerar os pêlos da barba, que podem ser arrepelados, ou depenados, ficando o indivíduo desbarbado.

Na linha média da face, fica em cima o nariz e por baixo a boca.

Quem tem o nariz grande é narigudo ou bicudo, e o interior do nariz constitui as ventas.

O muco nasal é o ranho ou monco e é ranhoso aquele que não enxuga convenientemente o muco nasal.

A boca tem adiante os beiços ou lábios e interiormente a língua e os dentes.

A saliva é o cuspo, e cuspir é a eliminação do excesso de saliva.

O conjunto dos dentes, que às vezes dão a sua dentada, constitui a dentuça.

Há a considerar especialmente os queixais ou moelas (dentes molares). Estão cravados nos alvéolos (covas da boca) e fixados pelas gengivas.

O adagiário conhece a cárie dentária (dentes podres) e chama dentar à erupção dos dentes do leite.

Quem fala em voz baixa, com receio que o ouçam, fala por entre-dentes.

Tal é o reduzido vocabulário popular do adagiário português relativo à face.

Antes de dar a lista dos adágios referentes a este capítulo, mencionarei ainda o céu-da-boca, (abóbada palatina), termo encontrado numa das belas quadras colhidas por J. Lopes Dias :

«Já vou dar a despedida.
Por hoje não canto mais :
Já me dói o céu-da-boca,
E o coração inda mais...»

Segue-se a lista dos adágios relativos a este segmento do corpo :

— A mais obriga um rosto bem assombrado, que um homem armado.

— Uma mão lava a outra e ambas o rosto.

— Luar de Janeiro não tem parceiro, senão o de Agosto, que lhe dá de rosto.

— O arado barbudo e o lavrador barbado.

- O bom mosto sai ao rosto.
- Quem não debilha em Agosto, debilha com mau rosto.
- Faz bem à gata, voltar-te-á a cara.
- Bem sabe o asno em cuja casa rosna.
- Brinca com o asno, dar-te-á na barba com o rabo.
- Agosto, frio no rosto.
- A cavalo dado, não olhes do dente.
- A barba cã se entrega moça louçã.
- Antes barba branca para tua filha, que moço de barba partida.
- Mais quero para meus dentes que para meus parentes.
- Não comas cardos com dentes emprestados.
- Da mão à boca se perde a sopa.
- Quando cuidas meter o dente em seguro, topas o duro.
- Não posso ter a boca cheia de água a assoprar ao fogo.
- A quem Deus quis bem, ao rosto lhe vem.
- Dá Deus amêndoas (biscoitos) a quem não tem dentes.
- Quem tem boca não diga a outro: assopra!
- A uma boca, uma sopa.
- A pão duro, dente agudo.
- Melhor é vergonha no rosto que mágua no coração.

- Quem empresta, suas barbas arrepela.
- Anda a cabra de roca em roca, como o bocejo de boca em boca.
- Barbas parelhas não olham ovelhas.
- De barba a barba, honra se cata.
- Queixadas sem barbas não merecem ser honradas.
- Mais honra a alma que a barba.
- Cuspo para o céu, dá-me no rosto.
- Abre tua bolsa abrirei a minha boca.
- Bem sabe o gato cujas barbas lambe.
- Boca de mel, mãos de fel.
- A boca de fraco, esporada de vinho.
- A quem dói o dente, dói a dentuça.
- Dia de barba, semana de porco, ano de casado.
- Doença de tordo, rosto magro, corpo gordo.
- Dor de parente, dor de dente.
- Lá vai a língua onde o dente grita (onde dói a gengiva).
- É melhor dente podre que cova na boca.
- Não vai mal a face em que a espinha carnal nasce.
- O mal e o bem à face vêm.
- O que é bom para o ventre é mau para o dente.
- Quando a criatura denta, morte atenta.
- Quem má boca tem, má bostela faz.
- Saúde o come, que não boca grande.

- Tem tento, quando te dá no rosto o vento.
- Mente, quem dá com a língua no dente.
- Não diga a língua por onde pague a cabeça.
- Hoje na nossa figura, amanhã na sepultura.
- A mulher, quanto mais olha à cara, mais destrói a casa.
- Mãe, casai-me logo, que se me arruga o rosto.
- Se a moça for louca, andem as mãos e cale a boca.
- Barba remolhada, meio rapada.
- Na barba do néscio aprendem os tolos a rapar.
- Nas barbas do homem astroso se ensina o barbeiro novo.
- Nem sapateiro sem dentes nem escudeiro sem parentes.
- O ferreiro com barbas e as letras com babas.
- De ruím rosto, nunca bom feito.
- Boca que diz sim, diz não.
- Cerra a boca e cose o siso.
- Chora à boca fechada e não desconta a quem lhe não dá nada.
- Cortesia de boca muito vale e pouco custa.
- Em boca fechada não entra mosca.
- Enojar-se doutro é ferir-se no rosto.
- Não digas mal de El-Rei nem entre-dentes, porque em toda a parte tem parentes.
- Barba com dinheiro, honra ao cavalheiro.

- Cheire-me a bolsa, peça-me a boca.
- Mais vale migalha que pêlo de barba.
- Falem cartas, calem barbas.
- Na boca do discreto, o público é secreto.
- Setembro, cara de poucos amigos e manhã de figos.
- A lisonjeiros, fazer mau rosto.
- A má lingua, tesoura.
- A má sorte, boa cara.
- Á morte o remédio é abrir a boca.
- A quem doi o dente, que vá ao dentista.
- A quem mente, cai-lhe um dente.
- Antes escorregar do pé que da língua.
- Antes da sopa molha-se a boca.
- Ao invejoso emagrece-lhe o rosto e incha-lhe o olho.
- Aquele que empresta, suas barbas meça.
- Assim tal barba, tal toalha.
- A boca do ambicioso só se enche com terra da sepultura.
- Boca que erra nunca pão lhe faleça.
- Boca que queres, coração que desejas.
- Brinca com asno, dar-vos-à na barba com o rabo.
- Cara alegre ganha vontades.
- Cara de aço nunca é boa.
- Com dinheiro, língua e latim, vai-se do mundo até ao fim.

- Comer à custa da barba longa.
- Cruz na boca e o diabo no coração.
- Dá Deus nozes a quem não tem dentes.
- O dar doi e o chorar faz ranho.
- O dente morde na língua e mesmo assim vivem juntos.
- Deus cura os dentes e o médico recebe o dinheiro.
- Deus dá a barba a uns e a vergonha a outros.
- Disso vos podeis despedir, como a galinha aos dentes.
- Dois narigudos não se beijam.
- É frequente o riso na boca de quem não tem siso.
- É meio dote uma cara bonita.
- É na cara dos pobres que o barbeiro aprende.
- É renda de prado economia de boca.
- Elogio em boca própria é vitupério.
- Em boca fechada, as moscas não têm entrada.
- Entre dois dentes molares, nunca metas os polegares.
- O filho da tua vizinha tira-lhe o ranho e casa-o com tua filha.
- Foge a boca para a verdade.
- Formosa é de rosto a que é boa de seu corpo.
- Fui para me benzer e quebrei o nariz.
- Fumo e má cara afugentam a gente de casa.

- Génio e figura até à sepultura.
- A gente vê caras, não vê corações.
- Governa a tua boca conforme a tua bolsa.
- Grão de milho em boca de asno.
- Guardando a língua, se guarda a concórdia.
- Homem de barba ruiva, uma faz e outra cuida.
- Homem narigudo, poucas vezes cornudo.
- Homem pequeno, coração ao pé da boca.
- Homem velhaco, três barbas ou quatro.
- Lá vai a língua onde doi a gengiva (onde grita o dente).
- Latim com barba, e música com baba.
- Linda cara, meio dote.
- Língua ajuizada é sempre moderada.
- A língua das mulheres é uma espada.
- Língua comprida, mentira maior.
- Mais custa abrir a boca para pedir, do que fechá-la para falar.
- Mais fere a língua do adulator do que a espada do perseguidor.
- Mais honra há do que a barba.
- Mais perto estão os dentes do que os parentes.
- Mais vale a língua do mudo, do que a do mentiroso.
- Mais vale migalha que pêlo de barba.
- O mal e o bem à face vem.

— Mal haja quem de mim mal diz, mais quem mo traz ao nariz.

— O mal que de tua boca sai, em teu peito cai.

— Melhor é penhor na mão, que vergonha no rosto.

— Melhor é rosto vermelho que coração negro.

— Mente quem dá com a língua no dente.

— Moças, quem vos deu tão ruins dentes? Água fria e castanhas quentes.

— Morrem barbas e ficam cartas.

— Na boca do saco é que está o atilho.

— Não comas cardos com dentes emprestados.

— Não comas lampreia, que tem a boca feia.

— Não comas quente, não perderás o dente.

— Não cures ser picão, nem traves contra a razão, se queres lograr tuas cãs, com tuas queixadas sãs.

— Não cuspas para o ar, que te pode cair o cuspo na cara.

— Não diga a língua por onde pague a cabeça.

— Não diz mais a língua do que sente o coração.

— Não é bom o bocado para a boca do asno.

— Nem a homem calado, nem a mulher barbada dê pousada.

— Palavra fora da boca e pedra fora da mão não volta atrás.

— Pela boca perde o peixe e a lebre pelo dente.

— Pela boca se aqueça e forno

- A perdiz, com a mão no nariz.
- Pés secos, boca fresca.
- Pôr as barbas de molho, que estão as do vizinho a arder.
- Pouca barba, pouca vergonha.
- O que me repreende, das más línguas me defende.
- Queixadas sem barbas não merecem ser honradas.
- Quem a meu filho tira o monco, a mim me beija o rosto.
- Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa, aos quarenta não tem, tarde barba, tarde casa, tarde tem.
- Quem boca beija, boca não deseja.
- Quem maus vizinhos vizinhar, com um olho há-de dormir e com o outro vigiar.
- Quem conhece o seu coração, desconfia dos seus olhos.
- Quem cospe para o céu, na cara lhe cai.
- Quem empresta, suas barbas arrepele.
- Quem lança em rosto o que deu, parece que o pede.
- Quem língua tem, a Roma vai, de Roma vem.
- Quem mal fala, sua língua suja.
- Quem mete o nariz em terreno alheio, se não foge a tempo, apanha em cheio.

— Quem não pode morder, não mostre os dentes.

— Quem tem boca não manda assoprar.

— Quem sinal tem sobre os dentes, honra é de seus parentes.

— Quer dizer amor e não lhe chega a língua.

— Raiva de coração faz passar a dor de dentes.

— Saber os dentes ranger não é saber morder.

— Se a barba fosse tudo, podia o bode prègar.

— Sopas engulidas, moelas umedecidas.

— Tais alfaces para tais beiços.

— Tal barba, tal escama.

— Tirar o bocado da boca e dá-lo a outro.

— Tudo lhe acontece a pedir por boca.

— Uns comem os figos, a outros rebenta-lhes a boca.

— O velho e o forno pela boca se aqueçam.

— Barriga cheia, cara alegre.

— A boca não quer fiador.

— Boca sem queixais é como moínho sem mós.

— Carne de pena tira do rosto as rugas.

— O que a boca apetece, o coração o deseja.

— Para carne de lobo, dente de cão.

— Língua comprida, mão encolhida.

— Amor do coração, que só da boca não.

— Boca que se beijou, nunca mal se desejou.

— Por uma linda cara perde-se um homem.

— Quando o coração está cheio, os lábios estão silenciosos.

— A língua longa sinal de mão curta.

— Rosto alegre com perdão vingança é de baldão.

— Em Agosto, espingarda ao rosto.

— Agosto, dá o sol no rosto.

— Cada quarto com seu preço, cada barba com seu pente.

— Quem não tem dinheiro no bolso não tem mel na boca.

— A língua é o melhor e o pior que o homem possui.

— A língua não tem osso mas quebra ossos.

— Boca fala, boca paga.

— Cura-se a ferida que uma espada faz; é incurável a feita por uma língua.

— A espada é a língua dos déspotas.

— A continuação (o hábito) do cachimbo entorta a boca.

— O lobo muda os dentes, mas não o hábito de morder.

— A homem ruivo e a mulher barbuda de longe os saúda.

— Barba de três cores, barba de traidores.

— Falso por natura: cabelo negro e barba ruiva.

— Homem astroso, barba até ao olho.

— Beijos nas mãos, riso nas barbas.

- Bèsteiro torto atira aos pés e dá no rosto.
- Os homens nem sempre de boa venta.
- Não posso ter a boca cheia de água e asso-
prar ao fogo.
- A lisongeiro, fazer mau rosto.
- Quem pode ter mão em língua dos praguentos,
se nem Cristo se livrou dela?
- A gota é mal de rico ; cura-se fechando o bico.
- A mulher casada não desbarba.
- A mulher de mais má pinta é a que mais a
cara pinta.
- Bolsa despejada, cara amargurada.
- Uma mão lava a outra, e ambas o rosto.
- Ainda que o teu sabujo seja manso, não o
mordas no beiço.
- A língua do cão é o melhor remédio para as
chagas do mesmo cão.
- A quem lhe doi o queixal é que sabe do seu mal.
- Urubu, quando está infeliz, cai e quebra o
nariz (bras.).
- Boca fechada e trabalhar na almofada.
- Mais ou menos, todos trabalham bem e
depressa . . . com a língua.
- Mal vai ao fuso, quando a barba não lhe anda
em cima.
- Não comas quente, não perderás o dente.
- Boa cara e mau bofe.

— Agarram-se os pássaros pelo bico e os homens pela língua.

— Uma palavra sensata deve ser ouvida, ainda que saída da boca de um papagaio.

— Cara de aço nunca é boa.

— A boca de um adulator é um sepulcro aberto.

— A terra regarás com o suor do teu rosto.

— O copo é o fiador da boca.

— Ao amigo teu segredo diz; ter-te-á preso pelo nariz.

— Lobo que prêsa toma, ainda que se vá, não cerra a boca.

— Cara e contas de beato, unhas de gato.

— Tenha o marido cara de cão, e eu com a minha arquinha cheia de pão.

— Desconfia do olhar do vizinho, e da língua da vizinha.

— Deus, para fazer brilhar a virtude que se oculta, armou contra ela a língua dos invejosos.

— Quem lhe doer o dente, vá à casa do barbeiro.

— Quando se é moço, a esperança anda na boca a cantar.

— A língua não tem osso e dobra-se como se quer.

— Dobra a língua sete vezes na boca antes de proferir qualquer palavra.

— Quando encontrares alguém a quem sobre a língua, modera a tua.

— Quem dá com a língua nos dentes poderá a si mesmo morder.

— Se sou tolo, metam-me um dedo na boca.

— O rosto é o espelho da alma.

— A barba não cresce na cara duma criança.

— Mais vale andar no mar alto do que nas bocas do mundo.

— Quem é senhor do seu nariz pode metê-lo onde quiser.

Comparemos agora os adágios portuguezes com alguns brasileiros (Lamenza) e castelhanos (Castillo de Lucas):

— A alegria é uma careta, a felicidade um sorriso.

— A bolsa e a boca apertada, se quizeres fazer coisa certa.

— A língua do maldizente e o ouvido do que ouve são irmãos.

— A língua tem poder de vida e de morte.

— A macaco velho não se ensina a fazer caretas.

— A velhice imprime mais rugas no espírito que no rosto.

— Aferrar-se com unhas e dentes.

— Aquele que aprende a ler no rosto dos homens raras vezes se engana.

— Barbudo ou barbado como um leopardo.

- Boa cara e *má* bofe.
- Caminhar com credo na boca.
- Chegar a mostarda ao nariz.
- De ruim rosto nunca bom feito.
- Diz a cara com a careta.
- Do nariz à boca a distância é pouca.
- Fumo e *má* cara afastam a gente de casa.
- Homem irado abre a boca e fecha os olhos.
- Mente com quantos dentes tem na boca.
- Na boca do mentiroso o certo se faz duvidoso.
- Na boca dos pobres tudo são vozes.
- Nas mulheres, pelejam mais as línguas que os braços.
- Quem não pode morder, não mostre os dentes.
- Agua clara lava bien la cara.
- Agua corriente no daña el diente.
- A la fruta verde y al hombre mal barbado dales de lado.
- Al hombre, se le caen los dientes y no se le acaba la semiente.
- Alla va la lengua do duele la muela.
- A mujer con barba, de lejos saludarla.
- A quien consuela no le duele la muela.
- A quien hiere con la boca, curar con ella le toca.
- Boca besada, mujer entregada.

— Boca sin muelas, molino sin piedras. (*Cervantes*).

— Borrachera, de agua ; que la de vino es cara y sale a la cara.

— Cara sin dientes hace muertos a los vivos.

— Cuando al hombre el bozo, y a la mujer la teta... zapateta !

— Cuando el niño denta, la muerte lo tienta.

— Cuando mucho la boca se abre, o sueño o hambre.

— Cuando tuve dientes, no tuve pan ; y cuando tengo pan, no tengo dientes.

— Dar diente con diente.

— Dios endurece las encías cuando quita los dientes.

— El bien o el mal a la cara sal.

— El hambre tiene buenos dientes.

— El mucho temor impide la lengua.

— Entre la boca e el estómago muchas veces hay guerra.

— Falso por natura, cabello negro, la barba rubia.

— La hambre tien muy mala cara.

— La lengua no tiene hueso pero rompe huesos.

— La nariz y la frente crescen hasta la muerte.

— La salud es la que come, que no boca grande.

— Las caras conocen los hombres, y solo Dios los corazones.

— Mala boca peces coma.

— Mientras no hay colmillos, no hay niño.

— Moça guardate del mozo cuando lle sale el boço.

— Ni de español barbarrubio, ni de flamenco barbinegro.

— Ninguno que tenga nariz llame a otro mocososo.

— No comais lamprea, que tiene la boca fea.

— No comas caliente, y no perderas el diente.

— No hay dientes sin camaras.

— No te fies en la cara, que hasta el padre el hijo engaña.

— No te quemas la boca, por comer pronto la sopa.

— No tiene frenillo en la lengua.

— Pan caliente, mucho en la mano, poco en el diente.

— Por agosto, frio en el rostro.

— Por aprovechar una baratura, se sacó las muelas Segura.

— Por la boca, entran las más de las enfermedades.

— Quien guarda la boca, excusa sangría.

— Quien presto endentece, presto hermanece.

— Quitar diente y dolor no es ningún primor.

— Quitar pecho y no haber dientes, tiene mil inconvenientes.

— Salud es para el enfermo la alegre cara del medico.

— Sánase la muela com pesarla a cera.

— Sangre de la boca ni de las encias es bueno.

— Soñar com dientes muerte de parientes.

— Un diente roe a otro diente y no lo siente.

— Va la lengua u le duele la muela.

— Zanahorias no, cosas que untem las barbas quiero io.

VI

Aparelhos sensoriais

Neste capítulo finalizarei a parte superior do corpo, registrando os adágios relativos aos órgãos da visão e da audição.

A respeito do globo ocular e seus anexos, citarei três lindas quadras populares, colhidas na Beira por J. Lopes Dias.

Lá se fazem referências às pálpebras (capelas), às pupilas (meninas) e às glândulas lacrimais (fontes) :

«Ai, Senhora da Saúde!
As costas vos vou virando:
Minha boca se vai rindo,
E meus olhos vão chorando...»

«Nas capelas dos teus olhos
Desejava ouvir missa:
Estão lá duas meninas,
Que me prendem por justiça».

«Vai-te embora, vai-te embora!
Agora vai-te gabar;
Pois deixaste no meu rosto
Duas fontes a chorar...»

Há tempos ouvi, pela Emissora Nacional, esta frase conceituosa :

“Nós devemos ouvir muito e falar pouco. Por alguma razão foi que Deus nos deu dois ouvidos e uma boca só”

A mesma ideia se colhe no seguinte provérbio, que tanto corre em Portugal como no Brasil :

“Duas orelhas, uma língua ; ouve duas vezes por cada vez que falas”.

Como de costume, é pobre o vocabulário popular a respeito de olhos e ouvidos. O adagiário fala dos olhos e da vista, dos cegos e dos tortos, dos vesgos, das lágrimas e dos olhos azuis ou verdes.

Fala das orelhas e do ouvido, assim como dos surdos ou moucos.

Conhece a região retro-auricular (atrás-da-orelha), a qual pode ser deprimida, constituindo o vão de orelha.

Refere-se às orelhas do coração, que, certamente, são os apêndices auriculares do coração do porco.

Segue a lista dos adágios portuguezes relativos aos aparelhos da visão e da audição, aos quais se seguem outros análogos, colhidos nos rifoneiros brasileiro e castelhano já citados :

— Cuidam os namorados que os outros têm os olhos quebrados (fechados).

— Chorem olhos de teu amigo e ele enterrar-nos-á vivo.

— Quem a cavallo passa a ponte, ao olho vê a morte.

— Vão de orelha é perigoso.

— O olho do amo engorda o cavallo.

— A viúva rica com um olho chora e com outro repenica.

— Pão com olhos, queijo sem olhos, e vinho que salte aos olhos.

— Não metas em tua casa quem dois olhos haja, senão trigo e cevada.

— Quem com mau vizinho ha-de vizinhar, com um olho há-de dormir e com outro vigiar.

— Quem não tem mulher, muitos olhos há mister.

— Sonhava o cego que via.

— Antes torto, que cego de todo.

— Não há cego que se veja, nem torto que se conheça.

— Na terra dos cegos, o torto é rei.

— Fui para me benzer e quebrei o olho.

— Com o olho e com a fé não zombarei.

— Cria o corvo, tirar-te-á o olho.

— Antes cegues que mal vejas.

— A palha no olho alheio e não a trave no nosso.

— Quebrarei a mim um olho, por quebrar a ti outro.

— Bem cego é quem muito vê, por aro de peneira.

— Comer sem beber, cegar e não ver.

— Cego e não de nuvem, todo o mal encobre.

— Em tempo nevado, o olho vale um cavalo.

— Melhor é ser torto que cego de todo.

— O mal do olho cura-se com o cotovelo.

— Quando o nó se faz piolho, com mal anda o olho.

— Quem quiser olho são, ate a mão.

— Se não vejo pelos olhos, vejo pelos óculos.

— Se não dorme meu olho, folga meu osso.

— Vêde-la gorda e vermelha? Pelo papo entra e não pela orelha.

— Os que falam com os olhos fechados querem ver os outros enganados.

— Aos olhos tem a morte quem a cavalo passa a ponte.

— Os mortos aos vivos abrem os olhos.

— Levantou-se a torta e pôs-se ao espelho.

— Tiraram-me o espelho por feia, e deram-no à cega.

— Não os olhos que choram, senão as mãos que trabalham.

— Desde que me não pagam, surdo me faço.

— Nem barbeiro mudo, nem cantor surdo.

- Ao cego muda-lhe o fito.
- A palavras loucas, orelhas moucas.
- Dize ao doido, mas não ao surdo.
- Um olho no prato, outro no gato.
- Abelha e ovelha, e a pena atrás da orelha, e parte na igreja: deseja para sua filha a velha.
- Achou o cego um dinheiro.
- Sol roxo, água a olho.
- Abre o olho, que assam carne.
- O amor, ainda que cego para ver, é lince para adivinhar.
- O amor é cego mas vê muito longe.
- Ao amigo que não é certo, com um olho fechado e outro aberto.
- Ao cego não dão cuidado os espelhos.
- Cada um vê o argueiro no olho do vizinho, e não vê a tranca no seu.
- Chorar com um olho e rir com o outro.
- Contas na mão, e olho no ladrão.
- Criado que faz o seu dever, orelhas de burro deve ter.
- O dano da mulher entra-lhe pelo ouvido.
- Devemos procurar a mulher antes com os ouvidos que com os olhos.
- A doçura tira nojo e a gordura abre olho.
- Doutrina que só se recebeu ao ouvido é banquete que só se come em sonho.

— Duas orelhas, uma só língua: ouve duas vezes por cada vez que falas.

— É falar com mouco dar razão a quem não entende.

— É remar na areia o cantar a um surdo.

— Entra por um ouvido e sai por outro.

— Gato furtado, orelhas de fora.

— Gente baixa só tem olho no interesse.

— Graça de olhos força peitos livres e dar o coração de graça.

— Graça de olhos tarde envelhece.

— Grande pé e grande orelha é sinal de grande besta.

— A guia de um cego não pode ser outro.

— Há olhos que de argueiros se pagam.

— Lágrimas abrandam penas.

— Lágrimas com pão ligeiras são.

— Lágrimas de herdeiros, risos secretos.

— Lágrimas de mulher valem muito e custam-lhe pouco.

— Lágrimas de sermão e chuva de trovoada, cai na terra e não vale nada.

— A língua do maldizente e a língua do que ouve são irmãos.

— Lisonjas ouvir, orelhas abrir.

— Longe da vista, longe do coração.

— Mais faz a vista do amo do que as suas mãos.

- Mais vêem quatro olhos do que dois.
- A mão na dor e o olho no amor.
- Mãos na roca, olhos na porta.
- Maria, antes com um olho só, do que com um filho.
- Marido, não vejas! Mulher, cega não sejas!
- Mau é ter os olhos maiores do que a barriga.
- A mulher do cego para quem se enfeita?
- Mulher honrada não tem ouvidos nem olhos.
- Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei.
- Nada é bom para os olhos.
- Nada seca mais depressa do que as lágrimas.
- Não é pelas grandes orelhas que o burro vai à feira.
- Não fies nem um tostão de quem põe os olhos no chão.
- Não há coisa encoberta senão olhos de toupeira.
- Não há nada que ouvido de ciume não oiça.
- Não há pior cego do que o que não quer ver.
- Não há pior surdo do que o que não quer ouvir.
- Nem olho na carta, nem mão na arca.
- Ninguém vo-lo deu por seus olhos belos.
- Num volver de olhos ao mau vento volve-lhe o capelo.
- Olho azul em portuguesa é erro da natureza.

- O olho do dono faz mais que as suas mãos.
- Olho mau, a quem viu pegou malícia.
- Olho por olho, dente por dente.
- Olho que tudo vê, a si se não vê.
- Olho vê, mão pilha.
- Os olhos e os anos não medem da mesma maneira.
- Olhos que não vêem, coração que não sente.
- Olhos verdes em poucos os vêdes.
- Onde a galinha tem os ovos, tem os olhos.
- Onde olhos não vêem, coração não sofre.
- As paredes têm ouvidos.
- Quando o espírito anda longe, os olhos não vêem o que está ao pé.
- Quatro olhos a um tempo nunca viram um fantasma.
- O que o olho não veja, o coração não deseja.
- Quem conhece o seu coração, desconfia dos seus olhos.
- Quem fala com surdos, perde o seu latim.
- Quem lágrimas escuta, está perto de perdoar.
- Quem quiser viver seguro, há-de ser surdo, cego e mudo.
- Quem tem vinha em mau lugar, o olho vê o seu mal.
- Quem semeia em restolho chora com um olho; eu, que não semeiei, com os dois chorarei.

— São três os mandamentos de Sevilha: olho vê, pé anda e mão pilha.

— Se queres que o teu olho sare, coça-o com o cotovelo.

— Seus são os olhos, e meus são os doilos.

— Sinal de má besta é suar atrás da orelha.

— Sonhava um cego que via, sonhava o que queria.

— O surdo faz falar o mudo.

— Tanto quis o diabo aos filhos que lhes tirou os olhos.

— Tenhas ovelhas e não tenhas orelhas.

— Tenhas porcos e não tenhas olhos.

— Um cego não pode ser juiz em cores.

— Vê-lo com os olhos e comê-lo com a testa.

— O ventre sacia-se, os olhos não.

— Lavrador, antes sem orelhas que sem ovelhas.

— A salada deve ser temperada por um cego e mexida por um louco.

— É mau ter os olhos maiores que a barriga.

— Estômago vazio não tem ouvidos.

— O figo, para ser bom, deve ter pescoço de enforcado, roupa de pobre e olho de viúva.

— O melão a peso, a melancia a olho.

— Uma sobremesa sem queijo é como a mulher bonita, mas cega. (Cf. Brillat-Savarin).

— O ambicioso é um cego a caminhar com pernas de pau.

— As lágrimas são, quási sempre, o último sorriso do amor.

— Cada um vê mal ou bem conforme os olhos que tem.

— As chamas da caridade secam as lágrimas da dor.

— A escusas de mau pagador, ouvidos faze de mercador.

— Que mil olhos chorem, menos os meus.

— Os olhos não enganam, nem mesmo quando pretendem enganar.

— Os que falam com olhos fechados querem ver os outros enganados.

— A palavras loucas, orelhas moucas.

— As paredes têm ouvidos.

— A fatalidade é cega.

— Lágrimas de filhos são setas no coração dos pais.

— Lágrimas de herdeiros, risos sorrateiros.

— A juventude é a idade em que os olhos brilham sem ver.

— Fugi do homem orgulhoso, que se envergonha de verter lágrimas.

— Aos olhos da inveja, todo o successo é crime.

— Ao medo sobejam os olhos.

- As lágrimas são o forte das mulheres.
- As mulheres parece que trazem as lágrimas numa bilha.
- Lágrimas de mulher é tempêro de malícia.
- Menos tempo gasta um postilhão a andar uma légua, que um preguiçoso a abrir os olhos.
- Quando passares pela terra dos tortos, fecha um olho.
- Santos da Catalunha, olhos grandes e vista nenhuma.
- A linguagem das lágrimas não a entendem os corações de argila.
- As grandes desventuras não têm lágrimas.
- Chorar por um olho azeite e, por outro, vinagre.
- Lágrimas abrandam pedras.
- Olhos que não choram não sabem ver.
- Os olhos que não têm chorado, não vêem nada.
- Num volver de olhos ao mau vento, volta-lhe o capelo.
- Chaves de Faro, prados de Loulé, e criados de S. Brás, olho vivo e pé atrás.
- Não choram os olhos as perdas das coisas que não cansaram os braços.
- Quem, por virtude, se abate aos olhos dos homens, eleva-se aos olhos de Deus.

— Quem comer orelhas do coração, ou comerá outras ou não.

— Diz o asno ao mulo: tira-te daí meu orelhudo!

— Os olhos também comem.

— Os olhos da namorada têm luz mais viva do que a do sol.

— Traze de olho o criado que rouba.

— A inveja tem os olhos vesgos para o bem, e pulmões de ferro para apregoar o mal.

— Abre um olho para comprar, e os dois para vender.

— Fácilmente aos olhos se afigura aquilo que se pinta ao desejo.

— O cavalo engorda com o olho do dono.

— Não há velha que escape aos olhos de velha.

— A ditos ôcos, ouvidos moucos.

— Os ouvidos são mais infiéis que os olhos.

— O amor e a fé nos olhos se vê.

— Coração de mãe, olhos de mãe.

— Olho de mãe, olho de falcão.

— A beleza enche os olhos mas não enche a barriga.

— Olho azul em raça portuguesa é velhaco com certeza.

— Olhos verdes, olhos de traidor.

Confrontemos agora os nossos adágios com os das colecções de Lamenza (brasileiro) e de Castillo de Lucas (espanhol):

- A quem tanto vê, um olho lhe basta.
- Chorar com um olho e rir com o outro.
- Enquanto o diabo esfrega um olho.
- Escutar com orelha de palmo.
- Não há nada que o ouvido do ciúme não ouça.
- Pôr alguém no olho da rua.
- Quem tem olho fundo, começa a chorar cedo.

- Al ciego, de ojos le sirven los dedos.
- Algo daria el ciego, siquiera para ser tuerto.
- A los ojos, con los codos.
- Cuando pases por la tierra de los tuertos,

cierra un ojo.

— Curandose de los ojos, nuestro hombre ensurdecíó.

— En invierno y en verano, la oreja junto a la teja.

— Es hombre de sangre en el ojo.

— La estatura de los hombres se mide de las cejas para arriba.

— Mas caza el sordo que el distraído.

— Mas malo es de hartar el ojo que el paladar.

— Mas pronto se llena el ojo que la barriga.

— Mas veen cuatro ojos que dos.

- No llenes el ojo antes que la tripa.
- Nublo un ojo, por dos vale el otro.
- Oh, qué lindo ojo cria el pece en el agua fría!
- Ojos malos, a quien los mira pegan su malicia.
- Pocos habra si anteojos, que no enfermen de los ojos.
- Tiene oidos de héptico.
- Todo pica para sanar, menos los ojos que pican para enfermar.

VII

Pescoço

Um dia, em Paris, um excelente colega e amigo informou-me que, na Polónia, eram grandes as prerrogativas do homem no lar. “Quem manda, é o homem; o homem é a cabeça... Mas, se a mulher não quiser, o homem não pode mexer-se”. “O homem é a cabeça, a mulher é o pescoço...”

Não conheço, em Portugal, qualquer ditado correspondente ao gracioso pensamento polaco.

Vejamos quais os adágios portugueses referentes a este segmento do corpo humano:

— Dize ao amigo o segredo, pôr-te-á o pé no pescoço.

— Lá em Agosto, com os seus santos ao pescoço.

— À mulher e à galinha, torcer-lhe e pescoço, para a fazer boa.

— Eis-me aqui, meu dono, com o espeto ao pescoço.

— Ninguém se enforcou com uma bolsa ao pescoço. (Com uma bolsa ao pescoço, ninguém é enforcado).

— O figo, para ser bom, deve ter pescoço de enforcado.

— Quem pretender enriquecer em doze meses, pode muito bem ser que, no fim do semestre, baile sem tocar no chão, com um fiozinho de linho no gasete, da grossura de um dedo (provérbio brasileiro).

Vejamos agora duas lindas trovas da Beira-Baixa (4):

«Tendes oiro no pescoço,
Prata fina na garganta:
Queres que te fale, menina,
Às horas que o galo canta?»

«Estou rouca, estou rouquinha,
Tapadinha da garganta:
Manda o médico que beba
Água de açucena branca».

Confrontemos os adágios portugueses com alguns brasileiros (5), que talvez daqui emigrassem:

— Menino que come e canta não tem amor à garganta.

— O laço que armou, no cachaço o gramou.

— Rosário ao pescoço, diabo no corpo.

— Tanta vez vai a infusa ao poço, que lá lhe fica o pescoço. (Cf. com o adágio português: "Tantas vezes vai o cântaro à fonte, que, um dia, lá lhe fica a asa,").

— Tirar uma espinha da garganta de alguém.

Por último, citarei dois rifões espanhóis da colecção de Castillo de Lucas (8):

— Garganta mala, pastilla para.

— Malos almuerzos y peores comidas alargan los pescuezos y enjugam la tripa. Quer dizer: A alimentação defeituosa faz emagrecer, alongando-se o pescoço.



VIII

Face Posterior do Tronco

Vejamos agora os adágios que a região dorsal inspirou ao povo português:

— Quem em ruim tem (quem em ruim lugar põe) a vinha, às costas a tira.

— Tu, que não podes, leva-me às costas.

— Costas são que levam e não panelas que quebram.

— Para mal de costado, bom é o abrolho.

— A razão dá costas ao covarde.

— Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

— Quem porfia sem saber, vira-lhe as costas e manda-o *beber*.

— Tabardo e botas cobrem as costas.

— Carvalho às costas e sobreiro no carro.

— El-rei tem costas.

— A fortuna cansa-se de trazer sempre às costas o mesmo homem.

— As costas e a barriga não se podem trocar.

— O laço que armou, no cachaço o gramou.

— A fortuna vira as costas ao homem que volta atrás (para trás).

Lopes Dias registou a seguinte bela cantiga da Beira :

« Ai, senhora da Saúde,
As costas te vou virando :
Minha boca se vai rindo,
E meus olhos vão chorando... »

Dos “ Provérbios „ de Lamenza (5) transcrevo o seguinte, proveniente de Portugal, e que não é mais que o desenvolvimento de outro atrás citado :

— O castanheiro, para plantar, precisa de ir na mão, o carvalho às costas, o sobreiro no carro.

Como fiz nos capítulos anteriores, registei, para comparação com os nossos, alguns rifões espanhóis, da colecção de Castillo de Lucas (8) :

— El dolor de costado (¹), al hombre en el brazo del escudo y a la mujer en el del huso (isto é, à direita no homem e, na mulher, à esquerda, onde realiza o trabalho de fiar).

— En la pulmonia y dolor de costado, culo tapado.

— Lo que es bueno para el bazo, es malo para el higado, o para el espinazo.

(¹) Em castelhano, costado compreende a região costal. Por isso, alguns destes adágios poderiam incluir-se no capítulo seguinte.

— Para el mal de costado es bueno un abrazo (el abrojo).

— Si os duele la cabeza, untaos la rabadilla con manteca (conselho humorístico: rabadilha é o cóccis, terminação da coluna vertebral).

— Témele a un abogado, más que a un dolor de costado (quere dizer: antes uma pneumonia que uma questão no tribunal).

IX

Peito

O adagiário relativo ao segmento torácico ocupa-se principalmente do amor: Tem o peito o coração no seu interior e tem os seios nas suas paredes...

Vejam-se as cantigas da linda colecção de Lopes Dias:

«O meu peito é um relógio,
O coração dá badaladas;
O dia em que te não vejo
Trago as horas contadas...»

«As garrafinhas dos seios
É o que mais vos dá graça:
Parecem dois pomos de ouro,
Onde o olhar se embaraça...»

Quando estudei a linguagem anatómica no *Leal Conselheiro* de D. Duarte ⁽¹⁾, disse que, do conteúdo do tórax, dum só órgão fala, o coração, que é mencionado mais de cento e setenta vezes. Mas, para o autor, não se trata do órgão central do sistema cir-

(1) J. A. Pires de Lima — O «Leal Conselheiro» lido por um anatómico (Jornal do Médico, 1943).

culatório, pois coração é, por assim dizer, sinónimo de espírito, alma, coragem.

No "Leal Conselheiro", entre outros ditados que se tornaram populares, citarei:

"Onde for teu thesouro, será teu coração".

Nas obras de Fernão Lopes, encontrei muitíssimas vezes empregada a mesma palavra, em geral, no sentido figurado, para exprimir a coragem, o ânimo, as opiniões, o espírito de diversas personagens (1).

Com o mesmo significado, encontrei, no adagiário português, a palavra coração nada menos que cento e quarenta vezes; e, quase sempre no mesmo sentido, ocorrem muitas vezes as palavras peito e seio. Do interior da caixa torácica, além do coração, o povo apenas conhece os pulmões (bofes) e, como anexos às paredes do tórax, cita, somente, a região mamária (tetas).

É, portanto, impossível, neste meu trabalho, registar todos os adágios portugueses relativos ao coração, peito, seio, etc.,

Transcreverei, apenas, alguns mais significativos e impressionantes adágios portugueses e, da mesma forma tenho que feito nos antecedentes capítulos,

(1) J. A. Pires de Lima — A linguagem anatómica de Fernão Lopes (Memórias da Academia das Ciências de Lisboa—Classe de Letras, tomo III).

acrescentarei, para confronto, alguns adágios brasileiros e espanhóis:

Seleccionemos, pois, os que me parecem mais expressivos dos três adagiários portugueses. (1,2,3,):

— Coração partido sempre é combatido.

— Lá vão os pés onde quer o coração.

— As palavras boas são, se assim fosse o coração.

— Por teu coração, julgas o de teu irmão.

— Melhor é vergonha no rosto, que mágua no coração.

— Quem seu coração quer vingar, sua casa vê prear.

— Filho alheio, brasa no seio.

— Na face e nos olhos se lê a letra do coração.

— A cruz nos peitos e o diabo nos feitos.

— O mal, que da tua boca sai, em teu seio (peito) cai.

— A mão no peito e o pé no leito.

— Melhor é rosto vermelho que coração negro.

— Mais tiram tetas, que calibre de nau.

— Bom coração quebranta má ventura.

— O bom coração sofre e o bom siso ouve.

— O amor no peito é espora na ilharga.

— Boa cara e má bofe.

— Bolsa leve e coração pesado.

- Com um amigo fiel, deve o amigo abrir o peito.
- Contra a má sorte, coração forte.
- Cravo no peito, asno feito.
- Em pequeno corpo, coração grande.
- Esperando marido e cavaleiro, chegam-se as tetas ao bragueiro.
- Falar de coração e bofes lavados.
- Fazer das tripas coração.
- A gente vê caras, não vê corações.
- Há um caminho do coração ao coração.
- Homem pequeno, coração ao pé da boca.
- Honra sem proveito faz mal ao peito.
- Longe da vista, longe do coração.
- Olhos que não vêem, coração que não sente.
- Onde está vosso tesoiro, lá está vosso coração.
(Cf. ditado do “Leal Conselheiro,,).
- Um coração contente é festim permanente.
- O bom vinho alegra o coração do homem
(Bíblia).
- Coração que suspira não tem o que deseja.
- O coração tem razões que a razão não conhece.
- Boca de mel, coração de fel.
- O coração falso sempre se muda, o bom é sempre bom.
- Honra e proveito, não cabem num só peito.
- De todos desconfia o coração culpado.
- O coração é uma criança; deseja tudo o que vê.

— O louco tem o coração na língua; o sábio a língua no coração.

— O futuro está no seio de Deus.

— A mulher aos oitenta anos é um coração de vinte.

— Do grande coração, é sofrer; do grande senhor é ouvir.

— Para os corações puros, tudo é puro.

— Algumas vezes o coração receia ser consolado.

— A ambição enche a cabeça e cerra o coração.

— Raiva do coração faz passar a dor de dentes.

— Filhos pequenos, dores de cabeça; filhos grandes, dores do coração.

— Quem conhece o seu coração, desconfia dos seus olhos.

— O vinho solta as línguas e os corações.

— Não há lucro nem proveito que fartem peito de avarento.

— A inveja tem olhos vesgos para o bem e pulmões de ferro para apregoar o mal.

— Maus bofes e boa cara serão bons, mas é coisa rara.

— Coração resoluto não consente que o aconselhem.

— O coração endurece na desgraça, como as mãos no trabalho.

— Quando o coração sofre, os membros estão doentes.

— Coração de mãe, olhos de mãe.

— Homem que zomba tem mau coração.

— O coração é como um relógio: quando lhe acaba a corda, pára.

— De nada serve a bolsa cheia, se o coração é vazio.

— Para descanso do coração, trabalho de espírito.

Registemos agora, para confronto, alguns provérbios brasileiros de Lamenza (5):

— A chave dos tesouros é a chave do coração.

— A clemência é a chave dos corações.

— A pureza do coração é uma grande coragem.

— Bolsa leve, coração pesado.

— Bom coração quebranta má fortuna.

— Contra a má sorte, coração forte.

— Coração contente tem o riso na boca.

— Coração sem arte não cuida maldade.

— Cruz na boca e o diabo no coração.

— Olhai antes para o coração do que para a mão daquele que dá.

— Peito forte zomba da má sorte.

— Quais palavras te dizem, tal coração te fazem.

— Quem conhecer o seu coração desconfia dos seus olhos.

— Tem má cara, mas tem bom coração.

Para terminar este capítulo, registemos, alguns rifões espanhóis da colecção de Castillo de Lucas (8):

— Adonde el corazón se inclina el pie camina.

— Al afligido corazón no se ha de dar aflicción.

— A la mujer primeriza primero se la parece la preñez en el pecho que en la barriga (alusão à tumefacção dos seios nas primigestas).

— Corazón alegre, hombre sano.

— Cuando al hombre le apunta el bozo y a la mujer la teta... zapateta!

(Cuidado com a puberdade dos adolescentes de sexo diferente!)

— Declarar uno su corazón.

— Del corazón sale la voz.

— Descansa el corazón, contando su pasión.

— Donde los ojos no posan, el corazón no se recrea.

— El corazón alegre de salud es fuente.

— Las caras conocen los hombres, y solo Dios los corazones.

— Lo que se come el ama, por la teta se va al niño que mama.

— Mas podem dos tetas que dos (que diez) carretas. (Influência do sexo feminino).

— Mas vale color en cara, que dolor en corazón.

— Quieres cosas que te assombren? el corazón del hombre.

— Quitar pecho y no haber dientes, tiene mil inconvenientes (Antes da dentição, não devem desmamar-se as crianças).

— Teta, la que en la mano quepa. (São mais graciosos e produzem mais leite os seios pouco volumosos).

X

Membro superior

Do membro superior, o povo conhece os diversos segmentos: espádua (espalda, ombro), braço, cotovelo, punho (pulso) e mão. O termo braço compreende todo o membro superior, menos a espádua e a mão. Distingue a mão direita e a mão esquerda. Acha anormais os indivíduos que escrevem com a mão esquerda; e, em ambas, distinguem a região palmar (palma) e os dedos, entre os quais o polegar. Conhece perfeitamente as antigas medidas de comprimento, derivadas do membro superior: braça, braçada, palma, polegada. Falam da mão como instrumento agressivo: bofetada, punhada, unhada. Também distingue as falangetas (cabeças dos dedos) e as unhas, a que às vezes chama garras.

Conforme verifiquei, os termos anatómicos mais empregados por antigos escritores são: mão, pé e coração (1). Em Fernão Lopes li um adágio, que

(1) J. A. Pires de Lima — A linguagem anatómica de Fernão Lopes (Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras — Tomo III).

— Idem — O Leal Conselheiro lido por um anatómico — (Jornal do Médico, 1943).

— Idem — A Linguagem anatómica de Gil Vicente (Biblos-XII-Coimbra 1938).

ainda se encontra nas colecções modernas. Teria sido pronunciado por Leonor Teles, e nunca o sarcasmo teria sido jámais dito com mais propriedade:

“Maão beyja homẽ que queria veer corta.”.

Assim como na vasta obra de Gil Vicente foi a palavra mão o termo anatómico que mais frequentes vezes encontrei, do mesmo modo, no adagiário português é extremamente frequente esse vocábulo, pois contei-o nada menos de duzentas e vinte e nove vezes. Como se vê, é impossível reproduzir aqui tão grande número de adágios. Limito-me, portanto, como fiz no capítulo anterior, a transcrever uma curta série de ditados portugueses, dos mais expressivos, confrontando-os depois com alguns brasileiros e espanhois:

— Aborreci ao cogombro e caíu-me no ombro.

— Ao homem de esforço a fortuna lhe põe o ombro.

— Abala pastor com as espaldas ao sol!

— Ao amigo que te vira a espalda, ponte de prata.

— A donzela (mulher) e o açor, com as espaldas ao sol.

— É leve o fardo no ombro alheio.

— Cada um (qual) despende como seu braço estende.

— Dinheiro faz batalha e não (que não) braço longo.

— Obreiro pago, braço quebrado.

— Obra paga, braços quebrados.

— Dita alcança, que não braço longo.

— Quando troveja em Março, aparelha os cubos e o braço.

— Vai-te aos cubos do moínho, teu braço a novos proveja, quando por Março troveja.

— O braço quer peito e a perna quer leito.

— Como o braço, assim é a sangria.

— Se quereis saber o que é uma mulher, ponde-lhe nos braços uma criança.

— Quem tem um bom ofício, tem uma valiosa pulseira no braço.

— O braço de rei e a lança longe alcança.

— Não chorem os olhos a perda das coisas que não cansaram os braços.

— Conselho sem remédio é um braço sem mão.

— O braço de Deus chega a toda a parte.

— O mal do olho cura-se com o cotovelo.

— Se queres que o teu olho sare, limpa-o com o cotovelo.

— Dor de cotovelo e dor de marido, ainda que doa, é logo esquecida.

— É chegado o mês de Junho, começa a foice no punho (Em Junho, foice no punho).

— Em Junho, como punho (os perdigotos).
— Junho, dorme-se sobre o punho.
— Conforme a pancada do pulso, dá Deus o remédio.

— Em Maio, cerejas uma a uma; Em Junho, a cesto e a punho.

— Em Junho, frio como punho.
— Mais se toma o pulso ao haver que ao saber.
— Quem dá a mão à pera, comer quer dela.
— Uma mão lava a outra, e ambas o rosto.
— Por S. Clemente, alça a mão da semente.
— Quem azeite mede, as mãos unta.
— Sol de Abril, abre a mão, deixa-o ir.
— A perdiz, com a mão no nariz.
— Nunca bom gavião de francelho que vem à mão.
— Pés e mãos caminho andam.
— Da mão à boca, se perde a sopa.
— O pato pela mão do escasso.
— Pão quente, muito na mão e pouco no ventre.
— Quem a mão alheia espera, mal janta e pior ceia.
— Ao gato por ladrão não lhe dê a mão.
— Ao mançebo mau, com mão e com pau.
— Mão lavada sujidade tira.
— Muitas mãos e poucos cabelos asinha se depenam.

— O que te cai da mão dá-o a teu irmão.

— Entre pai e irmãos não metas as mãos.

- Quem não tem irmão não tem pé nem mão.
— Ou para homem, ou para cão, leva tua espada na mão.
— Quem inimigos poupa às suas mãos morre.
— Ao homem ousado a fortuna lhe dá a mão.
— Ao vilão lhe dá o dedo, tomar-te-á a mão.
— Moço de quinze anos tem papo e não tem mão.
— A juiz ladrão, com os pés nas mãos.
— A mãos lavadas Deus lhe dá que comer.
— A carro entornado todos dão de mão.
— Beija homem a mão que quisera ver cortada
(adágio proferido pela odiada Leonor Teles,
transportado para linguagem moderna).
— Boca de mel, mãos de fel.
— Contas na mão e olho no ladrão.
— Feitos de vilão tirar pedra e esconder a mão.
— As mãos no pandeiro, e em al o pensamento.
— Mãos de mestre, unguento são.
— Duas mortes sofre quem por mão alheia morre.
— Mão sobre mão, como mulher de escrivão.
— Sapato roto ou são, melhor é no pé que na mão.
— Mão posta, ajuda é.
— Não os olhos que choram, senão as mãos que trabalham.
— O ofício de mãos nunca aparta irmãos.

- Quem está caído, mal dará a mão ao vizinho.
- Não bulas baralhas velhas, nem metas as mãos entre duas pedras.
- A espada e o anel segundo a mão donde estiver.
- Língua longa é sinal de mão curta.
- No verão, sul pela *minhão*, à tarde remo na mão.
- Vento suão, chuva na mão; de inverno sim, de verão não.
- No S. Simão, fava na mão.
- Com o dinheiro na mão, em toda a parte há função.
- Contas na mão, o demo no coração.
- Contra força de vilão, ferro na mão.
- Dar bofetada e esconder a mão.
- Filho meu, em que se não tem mão, melhor é doente do que são.
- Hóspede de mão vazia, *ande la via*.
- Livrar-se de embaraço sem lhe dar pé nem mão.
- Mais faz a vista do amo, do que as suas mãos.
- Mão de mestre não suja ferramenta.
- Mal vai ao passarinho na mão do menino.
- Mão segura não treme.
- Mãos brancas não magoam.
- Mãos de mais, trabalho de menos.

- Mãos frias, coração quente, amor para sempre.
- Mãos generosas, mãos poderosas.
- Mãos na roca, olho na porta.
- Mãos quentes, coração frio, amor vadio.
- Mãos que não dais : o que esperais ?
- Não escapa de ladrão o que se paga por sua mão.
- Não há amigo nem irmão, não havendo dinheiro na mão.
- Não há guerra de mais aparato que muitas mãos no mesmo prato.
- Não há mão que agarre o tempo.
- Não passe o pé além da mão.
- Nem olho na carta, nem mão na arca.
- Ofício de mãos não aparta irmãos.
- Olho vê, mão pilha.
- Para amigos, mãos rotas.
- Põe tu a mão e Deus tè ajudar.
- O que é nosso, à mão nos há-de vir ter.
- Quem quer o olho são, ate a mão.
- Quem tem pronta a língua não tem prontas as mãos.
- Quem tiver muitos filhos e pouco pão, tome-os da mão e diga-lhes uma canção.
- São três os mandamentos de Sevilha : Olho vê, pé anda e mão pilha.
- Se a moça for louca, andem as mãos e cale a boca.

— Se queres conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão.

— Semear com uma mão e colher com as duas.

— Também tenho duas mãos.

— Andem as mãos, que pintam as uvas.

— Bem mal ceia quem come por mão alheia.

— Língua comprida, mão encolhida.

— Antes dar um olho ao diabo que uma mão ao amor.

— Deus castiga com a mão esquerda e afaga com a direita.

— Ao homem ousado a fortuna lhe dá a mão.

— Quanto mais canhoto, quanto mais maroto.

— Todo o homem põe a mão no chão de vez em quando.

— Beijos nas mãos, risos nas barbas.

— Numa só mão não se podem segurar duas melancias.

— Quem pode ter mão na língua dos praguentos, se nem Cristo se livrou deles?

— Ter a faca e o queijo na mão é quanto basta.

— Não deixes os teus créditos por mãos alheias.

— Ao menino e ao borracho, põe-lhe Deus a mão por baixo.

— Em boa mão está o pandeiro.

— Mãos à obra que se faz tarde.

- Mãos de mais, trabalho de menos.
- Liso e são como a palma da mão.
- Para amigos mãos rotas.
- Amor de mulher e festa de cão, afagos são sempre para a bolsa ou para a mão.
- Antes pardal na mão, que perdiz a voar.
- Que a mão esquerda não saiba o que a direita faz (Bíblia).
- Quem trás as mãos na massa, sempre se lhe pega nela.
- Uma mão no fecho e outra no cano.
- Quem a cera quer abrandar as unhas há-de queimar.
- Nunca se matou ouriço cacheiro às punhadas.
- Não metas a mão em prato em que te fiquem as unhas.
- Um só polegar tarde vai ao tear.
- Dedo de espada e palmo de lança é grande vantagem.
- Homem sem proveito é o mel no dedo.
- Nas unhas e nos pés semelharás donde vens.
- Tanto pão como um polegar torna a alma no seu lugar.
- Unhas de gato e hábito de beato.
- Cutelo mau corta o dedo, não corta o pau.
- O testamento do pobre na unha se escreve.
- Em rio quedo, não metas teu dedo.

- De rico a soberbo não há palmo inteiro.
- Um canivete mesmo corta o pau e o dedo.
- Do Natal a S.ta Luzia, cresce um palmo o dia.
- Os dedos da mão não são iguais.
- A doença vem às braças e vai as polegadas.
- Entre dois dentes molares, nunca metas os polegares.
- Os homens não se medem aos palmos.
- Liso e chão como a palma da mão.
- Mais vale palmo de pano, que pedaço de burel.
- Não há estômago um palmo maior que outro.
- Nas cabeças dos dedos é que estão as unhas.
- Nenhum dedo faz mão, nem uma andorinha faz verão.
- Ninguém aponte faltas alheias com dedo sujo.
- O que há-de haver a alma está escrito na palma.
- Palavras de santo, unhas de gato.
- Pelo dedo se conhece o gigante.
- Quem tem unhas que toque guitarra.
- Senhor João da Cunha, obra feita, dinheiro à unha.
- Um dedo mau duas mãos sujas.
- Um palmo de preguiça acrescenta dez de dano.
- Vão-se os aneis e fiquem os dedos.
- Quem quer couves aos braçados cave-as todos os sábados.
- Com os amigos não se cortam as unhas rentes.

— Muitos têm armas de combate; mas nem todos os que têm unhas são leões.

— O dedo que a lei corta não causa mais dano.

— A doença entra às braçadas e sai às polegadas.

— O frade e a mulher duas garras do diabo.

— Cunhadas são unhas.

— Se sou tolo, metam-me um dedo na boca.

— Um só polegar tarde vai ao seu lugar (tear).

— Quem tem unhas é que toca viola.

— Dar unhas e esconder a mão, é de vilão.

Da mesma forma que fiz nos capítulos anteriores, vou agora juntar, para confronto, alguns adágios brasileiros e espanhóis.

— A boa mão, do rocim faz cavalo e do cavalo faz rocim.

— A diligência é a mão direita da fortuna; a frugalidade, a esquerda.

— A vida nossa está nas mãos de Deus.

— Dar as mãos à palmatória.

— Nas mulheres pelejam mais as línguas que os braços.

— Uma boa cabeça vale mais que cem braços.

— Al ciego, de ojos le sirven los dedos.

— A los ojos, con los codos.

- Cobarde la mano, mal cirujano.
- Con cada miembro, el oficio que convenga: no hables con el dedo, pues no coses con la lengua.
- Dios te dé una buena mano derecha.
- Le puso el dedo en la llaga.
- Manos ochentonas, manos temblonas.
- Más vale que un dedo se pierda, que la mano entera.
- Paseo en verano, del codo a la mano.
- Uñas duras, larga vida.

XI

Ventre

Enquanto que a linguagem científica é caracterizada por grande precisão e por terminologia opulenta, pelo contrário, o vocabulário popular, relativo à morfologia humana, é pobríssimo e de significado vago. A palavra ventre, por exemplo, tanto quer dizer estômago, ou útero, como significa, do mesmo modo que barriga, o segmento abdómino-pélvico do corpo humano. E a palavra ventre, no sentido de estômago, também pode ser substituída por papo, barriga ou bucho.

Os intestinos, para o povo, são tripas, mas, com esta palavra, também ele quer, às vezes, significar o estômago.

Do conteúdo abdómino-pélvico, além do tubo digestivo, o adagiário português, fala da bexiga, da qual tratarei no capítulo seguinte, do fígado e do baço. Conhece o povo, muito bem, o fel, mas não lhe liga a circunstância de ser uma secreção hepática. Fel, para o vulgo, é tudo o que amarga, tudo o que tenha um sabor contrário à doçura do mel.

Como disposições da parede abdominal, só encontro nos nossos adágios as palavras cinta e ilharga.

E eis o indigente vocabulário dos adágios portugueses acerca deste segmento do nosso corpo. Os vocábulos são realmente muito poucos, mas repetidos muitas vezes. Vou transcrever uma série de adágios, de entre os que me parecem mais expressivos :

— Genro, pelo papo me vai tangendo.

— Um no papo, outro no saco, e chora pelo do prato.

— Comida sem caldo, papo seco.

— Duas ceias más em um ventre cabem.

— O que come minha vizinha não aproveita à minha tripa.

— O ventre em jejum não ouve a nenhum.

— Pão quente, muito na mão e pouco no ventre.

— Pouco fel dana muito mel.

— Não há paz entre a gente, nem entre as tripas do ventre.

— Tripa cheia nem foge nem peleja.

— Moço de quinze anos tem papo e não tem mãos.

— Boca de mel, mãos de fel.

— Água fria e pão quente nunca fizeram bom ventre.

— As tripas estejam cheias, porque elas levam as pernas.

— Com o que sara o fígado, enferma o baço.

— Pão da Ilha, arca cheia, barriga vazia.

— Vêde-la gorda e vermelha? pelo papo entra, não pela orelha.

— Barriga quente, pé dormente.

— Janeiro quente traz o diabo no ventre.

— Amor no peito é espora na ilharga.

— Barriga que não leva dois jantares, facada nela.

— Barriga vazia não conhece alegria.

— O bom vinho arruína a bolsa e o mau o estômago.

— A chave na cinta faz a mim boa, e a minha vizinha.

— Contas na mão, borracha à cinta.

— Come tripas o louco e sabe-lhe a pouco.

— As costas e a barriga não se podem trocar.

— Da mesma flor, a abelha tira o mel e a vespa o fel.

— Duas ceias más num ventre cabem.

— É pelo estômago que se governam os homens.

— Estômago agradecido não é bom amigo.

— Falar não enche barriga.

— Fazer das tripas coração.

— Mais vale bom estômago, que bom cozinheiro.

— Mal haja o ventre que do pão comido se esquece.

— Mau é ter os olhos maiores que a barriga.

— No tempo quente, refresca o ventre.

- Osso de assuã, beijo untado, barriga vã.
- Quando numa casa engorda a moça, no corpo o baço, e no rei o bolso, mal vai a coisa...
- Quem come fel não pode cuspir mel.
- São as tripas que levam os pés e não os pés as tripas.
- Barriga cheia, cara alegre.
- Estômago vazio não tem ouvidos.
- As chaves na cinta e o cão na cozinha.
- Barriga grande não dá entendimento e pode dar sofrimento.
- De quarenta para cima, não te cases, nem amigues, nem molhes a barriga.
- Não há estômago maior um palmo que outro.
- O rico pensa no dinheiro, e o pobre no estômago.
- Morra o luxo e viva o bucho!
- Nem barriga cheia é fartura.
- A beleza enche os olhos, mas não enche a barriga.
- O exército é um ventre.
- Nú sai do ventre de minha mãe e nú para lá hei-de voltar (Job).

Neste capítulo, pouco citarei os provérbios do brasileiro Lamenza, que raro diferem dos portugueses. Apenas lá encontro, de novo, a palavra entranhas, como significado de vísceras:

- Amores da mocidade prometem mel e dão fel.
- Barriga cheia, companhia desfeita.
- Boca de mel, entranhas de fel.
- Tripa cheia, nem fogo nem peleja.
- Verdades há, que amargam como fel, e mentiras, que têm o sabor do mel.

Para cofronto com o adagiário portuguez, citarei, por último, alguns rifões da vasta collecção de Castillo de Lucas :

- Agua del Tajo infla la tripa y afloja el badajo.
- Al estómago cansado, platillos variados.
- Aunque tengas estómago de bronce no pierdas nunca el golpe de las once.
- Barriga gruesa no engendra entendimiento.
- Barriga llena el alma alegre.
- Barriga llena, alaba a Dios.
- Boca que bosteza, estómago que hambrea.
- Cada uno tiene su estómago.
- Comida caliente y bebida fría, salud y alegría; comida fría e bebida caliente, ay de mi vientre!
- Dame tripas, y te daré piernas.
- De cintura para arriba, todos somos buenos; de cintura para bajo, los menos.
- De cuarenta para arriba, ni te cases ni te embarques, ni te mojes la barriga.

— Diez hijos de un vientre y cada uno es diferente.

— En barriga vacía, huelgan ideas.

— En los primeros mezes no se abulta el vientre.

— Entre la boca y el estómago, muchas veces hay guerra.

— Estómago con hambre no escucha a nadie.

— La salud del corpo se paga en el estómago.

— Mas presto se llena el ojo que la barriga.

— Quien tiene un naranjo agrio no tiendra el estómago malo.

— Si las tripas estan llenas, ellas levaran las piernas.

XII

Regiões glúteas e períneo

Informa a história da medicina que a classe médica censurou ásperamente o grande cirurgião Ambroise Paré, por empregar nas suas obras os termos mais obscenos, em corrente linguagem francesa. Respondeu o genial barbeiro da Renascença que escrevia em francês, porque não sabia latim (1).

Realmente é curioso o facto de ser considerado indecente o emprego de certas palavras, que, transpostas para latim, podem ser ouvidas por toda a gente...

O povo é que não concorda com isso e emprega, com a maior semcerimónia, palavras usadas, à vontade, por Gil Vicente, e outros escritores dos primeiros períodos da literatura portuguesa e que hoje, por pudor, só se dizem em latim: *anus*, *pénis*, *vulva*, etc....

O povo teima em falar português, e, por isso, não posso acompanhá-lo na transcrição da maior parte dos adágios relativos a este capítulo, o qual, por

(1) J. A. Pires de Lima — Questões de linguagem científica, pág. 194.

esse motivo, tem de ser muito curto. Apenas citarei os adágios que possam ser lidos por toda a gente:

— Quem seu rabo corta, por trás se descobre.

— Demandar e urinar levam um homem ao hospital.

— Mijar claro, dar uma figa ao médico.

— À tua mesa, nem à alheia, não te assentes com a bexiga cheia.

— Fora de horas urinar, é sinal de enfermar.

— Quando mija um português, mijam sempre dois ou três. Quando mija um brasileiro, mija o mundo inteiro.

— Quem muito se abaixa, o rabo se lhe vê.

— Três manhas tem a mulher: mentir sem cuidar, chorar sem querer, e mijar onde quer.

— Não quero rabos de palha (*má reputação*), nem cão com guiso.

— Falar claro e mijar direito.

— Ó, de Viseu, larga o rabo que não é teu.

(Dizia-se que os judeus possuíam cauda e a colónia judaica era outrora muito grande em Viseu).

— Bravo, seu Zé Nabo, quem tem mosca, dá ao rabo!

— Fugir com o rabo à seringa (Rabo é sinónimo de cauda; no homem significa o ânus e as nádegas).

A estes adágios portuguezes, juntarei alguns bra-
sileiros (Lamenza):

- Agora, peguem-lhe pelo rabo.
- O melão e a mulher pelo rabo hão-de conhecer.
- Quem faz com a cabeça, desmancha com o rabo.
- Quem muito se abaixa, o rabo se vê.
- Quem rabo corta, por detrás se descobre.
- Quem tem rabo de palha não se assenta junto
ao fogão.

Para confronto, vejamos alguns rifões castelhanos:

- Agua fría no levanta vejiga; agua hirviendo,
al momento.
- Amigo de Venus, enemigo de sí mismo.
- Andaos a eso, y os quedareis en los huesos.
(Aludem estes dois provérbios aos maleficios da
luxúria).
- Con la vejiga llena, ni salgas de tu casa, ni
entres en la ajena.
- Cuando el viejo se mea en las botas, no es
bueno para las mozas.
- Quien al mear no hace espuma, no tiene fuerza
en la pluma.
- Si os duele la cabeza, untaos la rabadilla con
manteca (rabadilha é o cóccis).

XIII

Membro inferior

Aos seis segmentos do membro superior, correspondem, homòlogamente, seis segmentos no membro pélvico: anca, coxa, joelho, perna, colo do pé e pé. Mas o povo simplifica, habitualmente, a morfologia humana: Fala do quadril ou ilharga, do joelho (na posição de joelhos), da perna, noção que abrange todo o membro inferior, menos o quadril e o pé, e ocupa-se inúmeras vezes, no adagiário, do segmento distal do membro pélvico. Já, em trabalhos anteriores, notara que alguns dos nossos clássicos, nas suas referências ao corpo humano, as palavras que mais vezes citavam eram: coração, mão e pé (¹).

Acontece o mesmo no adagiário do povo português. Encontro nele a palavra pé, no singular ou no plural, nada menos de cento e quatro vezes, além de referências às suas funções, como passo, passinho, passada, pègada, em pé, ao pé, a pé, descalço.

(¹) J. A. Pires de Lima — Questões de linguagem científica — Porto, 1942.

Também emprega o termo pé, como medida de comprimento, e, no adagiário, fala-se de pé direito e pé esquerdo.

Acrescentarei agora uma lista de adágios portugueses, entre os mais comuns e mais expressivos, concernentes ao membro inferior; e, como nos capítulos anteriores, cotejá-los-ei, por último, com alguns rifões brasileiros e castelhanos, relativos ao mesmo tema:

— Lá vão os pés aonde quer o coração.

— Dize ao amigo o segredo e pôr-te-á o pé no pescoço.

— Pés costumados a andar não podem quedos estar.

— Pés e mãos caminho andam.

— Quem caminha em carro, nem caminha a pé nem a cavalo.

— Não passes o pé além da mão.

— Dar ao pé, que tempo é.

— Cada um estende a perna até onde a tem coberta.

— Mais vale duas pernas que três andas.

— Mede o passo conforme a perna.

— O moço preguiçoso, para não dar uma passada, dá oito.

— Mulher honrada em casa de perna quebrada.

- Na cama se quebram as pernas.
- Não é fôrma para o teu pé.
- Não tem pé e quer dar coices.
- Não passes o pé além da mão.
- O nosso alcaide nunca dá passada de balde.
- A perna faz o que o joelho quer.
- Quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço.
- Quem pés não tem, coices promete.
- Quem quer a moça, anda do pé e puxa da bolsa.
- Quem tem burro e anda a pé, ainda mais burro é.
- Querer alcançar o Céu com as pernas.
- São três os mandamentos de Sevilha: olho vê, pé anda e mão pilha.
- Tem-te em teus pés e correrás por três.
- Uma passada má quem quer a passa.
- Os velhos andam com os dentes e os mancebos com os pés.
- Vive-se mais tempo deitado do que em pé.
- Barriga quente, pé dormente.
- Saco vazio não se tem de pé.
- O ambicioso é um cego a caminhar com pernas de pau.
- Se queres que teu filho cresça, lava-lhe os pés e rapa-lhe a cabeça.

— Não ocupa mais pés de terra o papa que o sacristão.

— Homem pequeno, coração ao pé da boca.

— Melhor é sapato roto, que pé formoso.

— Quem não tem irmão, não tem pé nem mão.

— Quem pés não tem, coices promete.

— A juiz ladrão, com os pés na mão.

— A mão no peito e o pé no leito.

— As tripas estejam cheias, que elas levam as pernas.

— Nas más pernas nascem as frieiras.

— Não comas cru, nem andes com pé nu.

— Grande pé e grande orelha é sinal de grande besta.

— Sapato, roto ou são, melhor é no pé que na mão.

— Ao mau costume, quebras-lhe a perna.

— Faz rasto sem pôr pègada.

— A verdade não tem pés e anda (1).

— Curtas tem as pernas a mentira e alcança-se asinha.

— Antes escorregar do pé, que da língua.

— Ao vilão, se deres o pé, tomar-te-á a mão.

— Às dez, mete na cama os pés.

— Até à morte, pé forte.

(1) Já no princípio do Século XVI, dizia Gil Vicente (Amadis de Gaula): «La mentira no tiene pies».

- O coxo bem sabe do pé que coxeia.
- Debaixo dos pés se levantam os trabalhos.
- Deus te veja vir, com as pernas a bulir.
- Em brigas, valer dos pés.
- Estrada de mil léguas começa por uma passada.
- Faz pé atrás, melhor saltarás.
- Mais vale um pé, que duas muletas.
- Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dele morou.
- O pé do candieiro é o pior de iluminar.
- Se fores a pé, chegarás; se choutares cansarás.
- Não estendas as pernas além do cobertor.
- Marcha com o pé direito para os teus deveres e com o esquerdo para os teus prazeres.
- Mede o passo conforme as pernas.
- Do de Braga ao pé, *libera nos, Domine*.
- Guimarães, perna torta, pai dos cães.
- O pé do dono é estrume na herdade.
- Mais alto é um campónio em pé, que um fidalgo de joelhos.
- Negócios de meias, só para as pernas.
- Pernas, para que vos quero?
- Sentado, conversa-se melhor que em pé.
- Não faça passos largos, quem tem as pernas curtas.

Vejamos agora alguns adágios das colecções de Lamenza e de Castillo de Lucas :

- Dar às gâmbias.
 - Deve seguir o dar nas ancas do prometer.
 - Isto não chega nem à sola do pé.
 - Lesto o pé, que tempo é.
 - Na côrte, os que estão de pé não levantam os que caíram.
-
- A mala cabeza buenos pies.
 - Bien se está el pie en la pierna.
 - Calvas, canas y dientes son incidentes ; arrugas e arrastrar pies viejez es.
 - Cansando los pies e cerrando la boca, se cura la gota.
 - Con uno pie solo no se anda.
 - Cuando la cabeza duele los pies mal sostienen.
 - Dame tripas y te daré piernas.
 - Dolor de anca hija arranca.
 - El miedo o los pies ata, o los da alas.
 - El pie en el lecho ; el brazo en el pecho.
 - El que no tiene cabeza tiene que tener pies.
 - Las palabras no dan fuerza a las piernas.
 - No comas crudo, ni andes el pie desnudo.
 - Pies frios, corazón caliente.
 - Tiene más llagas y trapo que pierna pobre.

XIV

Anatomia Comparativa

Com intuito educativo, Esopo, Fedro, todos os antigos fabulistas, atribuíam aos animais os defeitos e as virtudes dos homens, punham-nos a falar como gente e atribuíam-lhes atitudes que só à espécie humana competem.

O mesmo faz o povo nos seus adágios, incluindo, nas suas frases sentenciosas, os mais variados bichos.

Os animais que entram nos adágios são quase sempre Vertebrados, e em geral Mamíferos e Aves.

Nem sempre fazem parte da fauna do continente português, pois, em virtude das Descobertas, a cada passo entram no adagiário animais das nossas colónias e, sobretudo, do Brasil.

Vejam os quais os bichos citados no adagiário português; nos Mamíferos temos: o macaco, a bugia, o leão, o leopardo, o gato e a gata, o lobo, a raposa, o cão e a cadela, o galgo, o perro e o sabujo; o potro, o cavalo, o ginete, o burro, o asno, a burrinha, o mulo, a mula, o mulato, o macho, o sendeiro, a besta; o gado: boi, vaca, toiro, bezerro, bezerrinha; a cabra, o carneiro, a ovelha, o veado, o porco e a porca; a lebre, o coelho, o furão, a toupeira e o ouriço cacheiro.

Nas aves domésticas: o galo, a galinha, o capão, o pato e o pavão; distingue as aves de rapina (de bico encurvado) e os pássaros e pássaras, falando no papagaio e no urubu, na perdiz, perdigão, e perdigoto; no corvo, na pega, no pardal, na rola e no tordo; no gavião, e no francelho.

Dos Peixes, fala o adagiário português na pescada, na sardinha, no solho, na enguia, no besugo e na boga, no budião e na lampreia; dos vertebrados inferiores fala ainda no crocodilo, na tartaruga, no cágado e na rã. E, dos invertebrados, cita o camarão; e, dos insectos, fala na abelha, e seus enxames, na mosca, na formiga; também fala da aranha.

Eis algumas designações especiais dos órgãos do corpo dos animais. Na cabeça: testa, cara, focinho, bico, cornos, pontas, nariz, tromba; no pescoço, a garganta e a guela; no peito, a teta e a titela, a orelha do coração; no ventre a barriga e a qualidade de barrigudo ou pançudo, o papo e o lombo; nos membros, cita a pata, a asa, o pernil, perna e pernada a espalda, a garra e o esporão; também fala nos animais cascudos e nos seus passos.

Fala do couro, pele, pêlos e lã, na carne, no rabo, na rabada, e na traseira.

Usa ainda muitos outros termos, comuns à anatomia humana e comparativa e à zoologia.

Registarei agora uma série de adágios portugueses referentes à anatomia comparativa:

— Em Março, nem rabo de gato molhado.

— A quem dá o capão, dai-lhe a perna.

— No queijo e pernil de toucinho, conhecerás o teu amigo.

— Manda o amo ao moço, o moço ao gato e o gato ao rabo.

— Corvos a corvos não tiram os olhos.

— Dá Deus asas à formiga, para que se perca mais asinha.

— De mau corvo, mau ovo.

— Mais magro no mato que gordo no papo do gato.

— Na boca do cão, não busques o pão, nem no focinho de cadela a manteiga.

— O lobo muda de pele, mas não o vezo.

— O rabo é o peor de esfolar.

— Pássara, que duas vezes cria, pelada tem a barriga.

— Quanto mais a vaca se ordenha, maior tem a teta.

— Brincai com o asno, dar-vos-á na barba com o rabo.

— Bom cão de caça, até à morte dá ao rabo.

— De casta lhe vem ao galgo ter o rabo longo.

— Quem a cavalo passa a ponte, ao olho vê a morte.

- A cavalo dado não olhes o dente.
- Arrenego do cavalo que se enfreia pelo rabo.
- Grande pé e grande orelha é sinal de grande besta.
- Bem canta o francês, papo molhado.
- Bole com o rabo o cão, não por ti, mas pelo pão.
- Por isso se come toda a vaca, porque um quer da perna, outro da espalda.
- Da pele alheia, grande correia.
- Tanto pica a pêga na raiz do trovisco que quebra o bico.
- A carne de lobo, dente de cão.
- A carneiro capado não palpes o rabo.
- Ao boi pelo corno, ao homem pela palavra.
- Boi mau, e o corno cresce.
- Da vaca magra, a língua e a pata.
- Dos bezerros e vacas vão peles às praças.
- As doenças vêm a cavalo, e retiram-se a pé.
- Lua deitada, marinheiro em pé; lua em pé, marinheiro deitado.
- A passo e passo, anda-se num dia um bom pedaço.
- Passinho a passinho, faz bom caminho
- Do rabo de porco nunca bom virote.
- Ovelha farta, do rabo se espanta.
- Ovelha cornuda, vaca barriguda, não a troques por nenhuma.

— Disso vos podeis despedir como a galinha dos dentes.

— Galinha não põe do galo, senão do papo.

— Onde as galinhas têm os ovos, lá lhe vão os olhos.

— Furtar o porco, e dar os pés por Deus.

— Da pescada, a rabada.

— Do capão a perna, da galinha a titela.

— Nem pernada de potro, nem rasgadura dum pé por outro.

— Morreu nosso macho; ainda agora lhe fede o rabo.

— O mulato sempre parece asno, quer na cabeça, quer no rabo.

— Sinal é de má besta, suar atrás da orelha.

— A carne de lobo dente de cão (de perro).

— Ainda que teu sabujo é manso, não o mordas no beijo.

— A ave de bico encurvado, guarda-te dela como do diabo.

— Mal vai ao Maio se o boi não bebe na pègada.

— No dia de S. Tomé toma o porco pelo pé.

— Grão a grão, enche a galinha o papo.

— A pássaro dormente, tarde entra o cebo no ventre.

— Agarram-se os pássaros pelo bico e os homens pela língua.

- Arganel de ouro em focinho de porco.
- Antes cabeça de gato que rabo de leão.
- Até as rãs mordiam se tivessem dentes.
- Ave de bico nunca fez o dono rico.
- Bem sabe este onde a bugia tem o rabo.
- Boi cornudo, cavalo cascudo.
- A cabeça do besugo come o sisudo e a da boga dá-a a tua sogra.
- Canta cada pássaro conforme o bico que tem.
- Canta a rã, e não tem cabelo nem lã.
- Cão, que muito lambe, tira o sangue.
- Da barriga puxa o boi.
- Da carne faz o guisado, das peles guisa o engano.
- Diz o asno ao mulo: tira-te daí orelhudo.
- Falai no lobo, ver-lhe-eis a pele.
- Galo, que fora de horas canta, faça na garganta.
- Gato escondido com o rabo de fora.
- Há muitos burros com o mesmo pêlo.
- Macaco velho não mete a mão na cambuca.
- Mordedura de cão cura-se com pêlo do mesmo cão.
- Não busques o pão no focinho do cão.
- Não é pelas grandes orelhas que o burro vai à feira.
- Não há coisa encoberta, senão olhos de toupeira.
- Nariz de cão, e cu de mulher, estão sempre frios.

- Nem cada dia rabo de sardinha.
- Ou para homem, ou para cão, leva a tua espada na mão.
- Pelas unhas se conhece o leão.
- Perdigão perdeu a pena; não há mal que lhe não venha.
- A perdiz, com a mão no nariz.
- Porca capada já não se descapa.
- Qual mais, qual menos, toda a lã é pêlos.
- Quem come orelhas de coração, ou comerá outras ou não.
- Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele.
- Quem segura a enguia pelo rabo e a mulher pela palavra, pode dizer que não segura nada.
- Quem tem rabo não se assenta.
- Renego do amigo que cobre com as asas e morde com o bico.
- Se queres conhecer o teu corpo, abre um porco.
- Segredo em boca de mulher é manteiga em focinho de cão.
- Tantas vezes vai o cão ao moínho, que um dia lá lhe fica o focinho.
- Ter garras não é o mesmo que ser leão.
- Tirar castanhas do fogo com a mão do gato.
- Tenhas ovelhas e não tenhas orelhas.
- Uma palavra sensata deve ser ouvida, mesmo da boca de um papagaio.

- A galinha põe pelo bico.
- Pelo Natal, que tenha o alho bico de pardal.
- O lobo com a guela cheia não morde.
- Valha o diabo ao cozinheiro que deixa o galo com esporões.
- O corvo não pode ser mais negro do que as asas.
- Bem sabe a rôla em que mão pousa.
- Aqui torce a porca o rabo.
- A grande cão, grande osso.
- Amor de mulher e festa de cão só atentam para a mão.
- Burrinha mansa mama a sua teta e a alheia.
- Criado que faz o seu dever orelhas de burro deve ter.
- A macaco velho não se ensina a fazer caretas.
- O boi pela ponta, o homem pela palavra.
- Cara e contas de beato, unhas de gato.
- Cão de raça, caça.
- Por uma besta dar coices, não se lhe deve cortar a perna.
- Quem caça do coração é o dono do furão.
- Antes pardal na mão, que perdiz a voar.
- Não vendas a pele do urso, antes de máta-lo.
- Guarda-te de traseiro de mula e de língua de mulher.
- Filho de gato mata rato.
- Olho de mãe, olho de falcão.

- Canta cada pássaro, segundo o bico que tem.
- Procurar sete pés ao carneiro, ou asas ao burro.
- A formiga, quando quer perder-se, cria asas.
- A cabra puxa sempre para o monte.
- Quem nasce para ser burro de carga, não chega a ser ginete.

Por último, para confronto, registarei alguns adágios brasileiros e castelhanos sobre o mesmo tema:

- Asno morto, cevada ao rabo.
- Barbudo ou barbado, como um leopardo.
- Boa asa voa com todo o tempo.
- Contar com o ovo no rabo da galinha.
- Curar a mordidela do cão, com a gadelha do mesmo.
- Das águias não nascem pombas.
- Da cobra não nasce passarinho.
- De tal ninho, tal passarinho.
- Em boca fechada, as moscas não têm entrada.
- Em palpos de aranha.
- Esfolar a anguia pelo rabo.
- Macaco, quando anda, não olha para o seu rabo.
- Não comas lampreia, que tem a boca feia.
- Nunca se matou ouriço cacheiro à punhada.
- Pela crina do asno se lhe conhece a idade.

— O tempo não tem asas para o cativo.

— O mal tem asas e o bem anda a passo de tartaruga.

— Cabra, caballo, y mujer, gordos los han de escojer.

— Desde la cabeza hasta el rabo todo és rico en el marrano. (Cf.: Dans le cochon, tout est bon).

— La gallina no debe cantar como el gallo.

— La mordedura del perro cúrase com sus pelos.

— La mujer huye de las canas como la oveja del lobo.

— Mi comer es, quando como, de la perdiz, el pecho, y, del conejo, el lomo.

XV

Teratologia

Será breve este capítulo, pois o adagiário português não é rico de expressões acerca das variações morfológicas do corpo humano. Em muitos milhares de adágios, só uma vez encontrei a palavra monstro, aliás em frase de forma erudita. E os termos relativos às deformidades são empregados, em regra, de forma vaga, não se sabendo ao certo se se trata efectivamente de vícios de conformação congénitos, ou de perturbações adquiridas por doença. O defeito mais vulgarmente citado no adagiário é o estrabismo ou a cegueira unilateral. Ao indivíduo estrábico ou cego de um olho, chamam os adágios torto, vesgo, que mira mal. Ao que tem a boca mal conformada, chamam boquitorto. Ao raquítico, com curvaturas anormais da coluna vertebral, chamam corcunda, e designam essas curvaturas anómalas por corcovas ou gibas. Aos judeus, outrora tão abundantes em Portugal, attribuía-se a presença de cauda (rabo). Chamam canhoto ao que trabalha habitualmente com a mão esquerda, e não esqueceram a polidactilia (dedo a mais). Falam numerosos adágios dos coxos ou mancos, citando os de espinha, isto é os

indivíduos que claudicam por motivo de mielites. Também se referem aos pés tortos, aos quais, à francesa, se chamam hoje pés botos.

Encontro também referência à intersexualidade (homens que são mulheres). E nisto se cifra o conhecimento do adagiário português a respeito da teratologia. Para ser completo, não posso deixar de me referir às excrescências frontais, que o povo atribui aos maridos enganados. Vem de longe a injuriosa comparação, pois já Fernão Lopes (1) atribui esta frase ao marido de D. Maria Teles, para justificar o assassinio:

“e se vos minha mulher sooes, por tanto mereçees vos melhor a morte, por me poerdes as cornas dormindo com outrem”.

Arquivarei agora os adágios portugueses sobre deformidades:

- Na terra dos cegos, torto é rei.
- Bêsteiro torto atira aos pés e dá no rosto.
- Alcaide de campo, ou coxo ou manco.
- Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.
- Coxo e não de espinha, calvo, e não de tinha.

(1) J. A. Pires de Lima — Questões de Linguagem Científica — Porto, 1942.

- Melhor é ser torto, que calvo de todo.
- Mais asinha se toma um mentiroso, que um coxo.
- Levantou-se a torta e pôs-se ao espelho.
- Má tesoura faz a meu marido boquitorto.
- Caminho de Roma, nem mula manca, nem bolsa vazia.
- Salamanca, a uns sara e a outros manca.
- A nenhum coxo esquecem as muletas.
- Antes torto, que cego de todo.
- Bolsa vazia, inteligência manca.
- Cabra manca nunca tem sesta.
- Cadelas apressadas parem cães tortos.
- Cágado, para que queres botas, se tens as pernas tortas?
- O coxo bem sabe de que pé coxeia.
- É necessário coxear com os coxos.
- Homem velho e mulher nova, ou corno ou cova.
- Horta e torto, moço e potro, e mulher que mira mal, querem-se saber tratar.
- Médico velho, cirurgião novo, boticário coxo.
- Não há cego que se veja, nem torto que se conheça.
- A perna é coxa, mas chega.
- Pés tortos, não há mister socos.
- Quando o coxo de amores morre, que fará o que anda e pode?
- Quem dá e toma, nasce-lhe corcova.

— Quem é cornudo e consente, que o seja para sempre.

— Quem em tudo sua mulher contenta, cornudo depressa se apresenta.

— Ser corno e aperreado.

— O surdo faz falar o mudo.

— Toda a gente é corcunda quando se baixa.

— Um dedo a mais estraga a mão.

— Coxo achacoso não é cheiroso.

— Quanto mais canhoto, quanto mais maroto.

— A ignorância obra monstros.

— Quando passares por terras de tortos, fecha um olho.

— Ó, de Viseu, larga o rabo que não é teu.

— Entre dez homens, nove são mulheres.

— A inveja tem olhos vesgos para o bem e pulmões de ferro para apregoar o mal.

— O corcunda não vê a sua giba, mas sim a dos outros.

Confrontemos, agora, estes ditados com alguns brasileiros e espanhóis:

No adagiário brasileiro de Lamenza fala-se em homem quebrado, isto é, com hérnia, e em papudos, quer dizer, affectados de bócio:

— A nenhum côxo esquecem as muletas.

— Antes de escarneceres do côxo, vê bem se andas direito.

— Homem quebrado, às vezes, soldou e sarou.

— Marido banana e efeminado depressa aparelha com o veado.

— Na terra dos papudos, quem não tem papo é defeituoso.

— Pés tortos, não é mister socos.

— Algo daria el ciego, siquiera por ser tuerto.

— A los pies tuertos darles zuecos.

— A vista de ojos, por el andar se conoce a los cojos.

— Cojo y no de espina, calvo y no de tiña, ciego y no do nube, todo mal encubre.

— Cuando pases por la tierra de tuertos cierra un ojo.

— El médico, mozo; el boticario, cojo.

— El que anda con un cojo, al año es cojo.





Bibliografia

- 1) — ANTÓNIO DELICADO — *Adágios portugueses* — Nova edição por Luís Chaves — Lisboa, 1924.
- 2) — PEDRO CHAVES — *Rifoneiro português* — Porto, 1928.
- 3) — J. REBELO ESPANHA — *Dicionário de máximas, adágios e provérbios* — 1936, e aditamento da 2.^a edição.
- 4) — J. LOPES DIAS — *Cantigas populares da Beira Baixa, lidas e ouvidas por um médico* — Acção Médica, x, 1944.
- 5) — MÁRIO LAMENZA — *Provérbios* — Rio de Janeiro, 1938.
- 6) — HERNÁN NUÑEZ — *Refranero español* — Valencia.
- 7) — JOSÉ BERGUA — *Refranero español* — Madrid.
- 8) — CASTILLO DE LUCAS — *Refranero medico* — Madrid, 1944.

Índice.

	Pág.
Dedicatória	7
Prefácio	9
I — Biologia Geral — Hereditariedade	15
II — Antropologia Física ; Antropologia Criminal	25
III — Generalidades	37
IV — Crânio	47
V — Face	59
VI — Aparelhos sensoriais	81
VII — Pescoço	97
VIII — Face Posterior do Tronco	103
IX — Peito	109
X — Membro Superior	119
XI — Ventre	133
XII — Regiões Glúteas e Períneo	141
XIII — Membro Inferior	147
XIV — Anatomia Comparativa	155
XV — Teratologia	167
Bibliografia	175

Nota final — Em virtude das circunstâncias em que foi feita a revisão das provas tipográficas deste livro, não pôde evitar-se a repetição de alguns adágios.

P. L.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
AOS TRINTA DIAS DO
MÊS DE ABRIL DE 1946,
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA ENCICLOPÉDIA PORTU-
GUESA, LDA., RUA DE
CÂNDIDO DOS REIS, 47
P O R T O

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.